

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**TUTTI BUONA GENTE?
O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DO IMIGRANTE ITALIANO
NO JORNAL “O ESTADO DE S. PAULO”
NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Paulista, para obtenção do
título de Mestre em Comunicação.

JULIANA AYRES PINA

**SÃO PAULO
2018**

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**TUTTI BUONA GENTE?
O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DO IMIGRANTE ITALIANO
NO JORNAL “O ESTADO DE S. PAULO”
NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

JULIANA AYRES PINA

**SÃO PAULO
2018**

Pina, Juliana Ayres.

Tutti buona gente? : o imaginário midiático do imigrante italiano no jornal "O Estado de São Paulo" no final do século XIX / Juliana Ayres Pina. - 2018.

87 f. : il. color. + CD-ROM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de concentração: Contribuições da Mídia para a Interação entre Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

1. Imaginário midiático. 2. São Paulo. 3. Italianos. 4. Negros.
5. O Estado de S. Paulo. I. Silva, Maurício Ribeiro da (orientador).
II. Título.

JULIANA AYRES PINA

TUTTI BUONA GENTE?
O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DO IMIGRANTE ITALIANO
NO JORNAL “*O ESTADO DE S. PAULO*”
NO FINAL DO SÉCULO XIX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Jorge Miklos.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva
Universidade Paulista UNIP-SP

Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista UNIP-SP

Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero

Quem é livre não pretende ser mestre de ninguém.
Lourdes Catherine

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo por sempre conspirar a meu favor fazendo com que tudo aconteça no tempo que deve acontecer e colocando oportunidades e pessoas maravilhosas em meu caminho.

Agradeço, de maneira muito especial, aos meus pais. Meus primeiros professores e eternos mestres, que se fazem meu porto seguro para onde navego sempre que as águas se mostram turbulentas e turvas. O apoio de vocês nesta empreitada foi essencial, que cada gota de suor e cada centavo gastos em minha educação tenham valido a pena e que eu possa retribuir tudo o que fazem por mim.

À Beatriz, por cada livro rabiscado, cada folha amassada, cada parágrafo deletado. Graças a você, filha, eu pude compreender que os maiores tesouros e aprendizados não se guardam em baús, papéis, *HDs* ou nuvem. O seu sorriso é meu bem mais precioso.

Agradeço ao Bruno, meu companheiro de alma, por sempre acreditar em mim, muitas vezes mais do que eu mesma sou capaz de acreditar. Sua paciência, ajuda e amor me fizeram ir além. Te amo!

Também agradeço ao meu irmão, Rodrigo, que me fez parar para meditar, chutar, correr, pular e gargalhar. Você foi fundamental para manter minha sanidade.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa Mídia e Imaginário pelas valiosas trocas e contribuições, em especial, ao Leonardo, Aline, Luciano, Luciana e Ariana. Também agradeço à Cris, minha amiga que muito me incentivou a começar o mestrado e que, em nossos inúmeros cafés, sempre abre minha mente e me ensina muito sobre o mundo acadêmico e sobre a vida.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Maurício Ribeiro da Silva, pelo convite para assistir às aulas como aluna ouvinte, experiência de máxima importância para elaboração deste trabalho e concepção de uma nova visão de mundo. Agradeço também por aceitar me orientar mesmo sabendo que minha vida estava prestes a virar de ponta cabeça. Toda a ajuda durante este processo, suas aulas e orientações ficarão para sempre.

Aos professores doutores Jorge Miklos e Malena Segura Contrera, gratidão pelas excelentes aulas e pela generosidade em compartilhar conhecimento e energia positiva.

Ao professor doutor José Eugênio de Oliveira Menezes, meus mais sinceros agradecimentos pela disponibilidade e interesse em participar de minha banca, além dos oportunos apontamentos expostos no Exame de Qualificação, que foram de extrema importância para a elaboração desta versão final.

Ao IFSP, agradeço a oportunidade de dedicação integral ao mestrado. Este trabalho não teria sido possível sem tal concessão.

Aos funcionários da secretaria de Pós-graduação da UNIP agradeço pelo atendimento sempre atencioso e competente.

Enfim, agradeço e dedico este trabalho aos meus antepassados que, por motivos diversos, vieram parar nesta cidade e aqui neste solo derramaram suas lágrimas, seu suor e seu sangue. Que vossos sonhos e lutas jamais sejam esquecidos.

Dedico todo o esforço e aprendizado materializados nestas páginas a ela, que chegou sem pedir nem avisar. Tomou meu corpo, minha casa, minha vida. A ti, Beatriz, dedico minha existência e todo meu amor.

RESUMO

A pesquisa discorre sobre o imaginário midiático acerca dos imigrantes italianos no jornal *O Estado de S. Paulo* do final do século XIX e busca discutir o modo como as elites paulistas retratavam a mão de obra europeia que era recebida na capital paulista naquele período. A pergunta da pesquisa aponta para o fato de que, sendo o italiano substituto do negro enquanto mão de obra em uma economia já estruturada, onde há clara divisão de papéis entre a elite e a classe trabalhadora, teria havido algum nível de equivalência entre estes dois grupos (italianos e negros) no registro presente no jornal, indicando – para as elites – a permanência de um imaginário do trabalho escravo? Secundariamente, em caso afirmativo, quais elementos simbólicos, de alguma forma vinculados ao imaginário do negro, foram acionados para esta finalidade? Nossa hipótese é que os jornais da época já contavam com um discurso pré-estabelecido para retratar os imigrantes recém chegados em São Paulo e no sentido da manutenção do *status quo* das elites paulistas, utilizaram no retrato do italiano atributos simbólicos que remetiam à população negra, constituindo o imaginário midiático do italiano a partir da ideia do trabalhador subserviente e inferior, ideia esta preexistente e relacionada ao negro. Eleger-se como *corpus* de pesquisa textos do jornal *O Estado de S. Paulo*, à época denominado *Província de São Paulo*, com recorte temporal de 1875 a 1899 a partir do acesso digitalizado disponível na rede. Na primeira etapa, com base na análise de conteúdo de Bardin, foi feito o levantamento quantitativo dos textos e das seções nas quais estes estavam inseridos. A partir deste resultado elencaram-se os principais atributos relacionados aos negros no período, a partir das pesquisas de Lilia Moritz Schwarcz, buscando verificar o vínculo entre tais atributos e o termo italiano, concluindo-se que a hipótese de que o discurso midiático utiliza-se do imaginário do negro para o retrato do imigrante italiano naquele período. Oferecem apporte a esta pesquisa as contribuições sobre a História Brasileira a partir de Oscar Pilagallo, Lilia Moritz Schwarcz e Roberto Pompeu de Toledo. No âmbito da Teoria Crítica da Comunicação e do Imaginário, ressaltamos as contribuições de Edgar Morin, John B. Thompson e Malena Segura Contrera.

Palavras-chave: Imaginário midiático; São Paulo; Italianos; Negros; *O Estado de S. Paulo*.

ABSTRACT

The research deals with the imagery of the media concerning Italian immigrants in the newspaper The State of S. Paulo at the end of the 19th century and seeks to discuss how the elites of São Paulo portrayed the European workforce that was received in the city of São Paulo at that time. The research question points to the fact that, as the Italian substitute for the black man's workforce, in an already structured economy where there is a clear division of roles between the elite and the working class, there would have been some level of equality between these two groups (Italians and blacks) in the present register in the newspaper, indicating - for the elites - the permanence of an imaginary of slavery? Secondly, if so, what symbolic elements, somehow linked to the black imagination, have been linked to this purpose? Our hypothesis is that the newspapers of the time already had a specific discourse to describe immigrants recently arrived in São Paulo and, in the sense of maintaining the status quo of the São Paulo elites, used in the portrait of Italian symbolic attributes that refer to the black population, constituting the media imaginary concerning Italian from the idea of the subservient and inferior worker, idea previously related to the black. The text of the newspaper The State of S. Paulo, at the time denominated Province of São Paulo, was chosen as a corpus of research, with the temporal form from 1875 to 1899 from the digitized access available in the network. In the first stage, based on the content analysis of Bardin, a quantitative survey of the texts and the sections in which they were inserted was carried out. From this result, the main attributes related to the blacks in the period, from the researches of Lilia Moritz Schwarcz, were analyzed, trying to verify the link between these attributes and the Italian term, concluding that the hypothesis that the discourse of the media uses the imagination of the Negro to describe the Italian immigrant at that time. The works of some authors contributed to the research, as on the Brazilian History of Oscar Pilagallo, Lilia Moritz Schwarcz and Roberto Pompeu de Toledo. In the context of Critical Theory of Communication and Imaginary, we highlight the contributions of Edgar Morin, John B. Thompson and Malena Segura Contrera.

Keywords: Media imagery; São Paulo; Italians; Blacks; The State of S. Paulo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema Geral das Expedições de Apresamento – 1550 - 1730.....	18
Figura 2 - Desenho sobre carta da capital de São Paulo de 1842.	22
Figura 3 - Destaque da região suburbana dos Campos do Bixiga. Planta da cidade de São Paulo 1800-1874.....	23
Figura 4 - Anúncio de trabalho no Brasil destinado aos italianos	26
Figura 5 - Anúncio de trabalho no Brasil destinado aos italianos.	27
Figura 6 - Cortiço no bairro do Bexiga em 1910.....	32
Figura 7 - Pintura de 1921 que retrata a Convenção de Itu de 1873.....	35
Figura 8 - Primeiro logotipo do jornal O Estado de São Paulo	39
Figura 9 - Atual logotipo do jornal o Estado de São Paulo	39
Figura 10 - Índios soldados escoltando selvagens.....	71
Figura 11 - Bandeirante Bartolomeu Bueno da Veiga	72
Figura 12 - O mestre de campo Domingos Jorge Velho e seu lugar-tenente Antônio Fernandes de Abreu.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO I – SÃO PAULO, SEUS HABITANTES E A CULTURA ESCRAVOCRATA	14
1.1 O PLANALTO DE TUPINIQUINS, COLONOS E JESUÍTAS	14
1.2 MÃO DE OBRA INDÍGENA	16
1.3 MÃO DE OBRA AFRICANA	20
1.4 MÃO DE OBRA ITALIANA	25
1.5 OS REPUBLICANOS	34
1.6 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO/ O ESTADO DE S. PAULO	36
2 CAPÍTULO II – NEGROS E ITALIANOS NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO DO FINAL DO SÉCULO XIX	43
2.1 RESULTADO QUANTITATIVO	44
2.2 RESULTADO QUALITATIVO	48
2.3 TERMOS PESQUISADOS	48
2.3.1 Vagabundos	48
2.3.2 Desordeiros.....	49
2.3.3 Desobedientes	50
2.3.4 Fugitivos.....	52
2.3.5 Violentos	54
2.3.6 Ladrões/ gatunos.....	55
2.3.7 Embriagados.....	56
2.4 ANÚNCIOS.....	57
2.5 SOBRE SENZALAS E CORTIÇOS	58
2.6 OUTROS TEXTOS	62
3 CAPÍTULO III – O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DO IMIGRANTE ITALIANO NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO DO FINAL DO SÉCULO XIX	64
3.1 O PODER DO JORNAL (E DOS DONOS DO JORNAL).....	64
3.2 O QUE SERVE SOB A ÓPTICA DO QUE É SERVIDO	66
3.2.1 Negros e pretos	66
3.2.2 Administrados, escravos e colonos	67
3.3 IMAGEM E IMAGINÁRIO	68
3.4 A IMAGEM DO BANDEIRANTE	70
3.5 A IMAGEM DO BANDEIRANTE	74
3.6 CENTRO E PERIFERIA	80
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
REFERÊNCIAS WEB-BIBLIOGRÁFICAS	87

INTRODUÇÃO

As migrações voltam a ser pauta, neste início de século, com o aumento do fluxo entre países por questões de ordem religiosa, econômica e política. A luta para recomeçar a vida num lugar distante se inicia com a burocracia da obtenção de papéis e carimbos que concedam o direito de permanência em determinado país. Mas esse é apenas o começo. Ser legalmente aceito é completamente diferente de ser acolhido, reconhecido e bem recebido. Frequentemente, muros invisíveis, construídos por meio de ações simbólicas, são colocados entre grupos determinando sua posição social e, muitas das vezes, geográfica também.

Tais muros cercam haitianos, bolivianos, migrantes nordestinos e outros que sofrem com a discriminação e a segregação social e espacial na cidade de São Paulo. Apesar de existirem ações de acolhimento, comentários preconceituosos inundam as páginas digitais dos jornais e redes sociais mostrando o quanto estes muros se fazem presentes em nossa sociedade. Partindo deste cenário, abordado genericamente, a pesquisa buscou o início deste processo na mídia analisando a figura do imigrante italiano no jornal *O Estado de S. Paulo* do final do século XIX a fim de identificar como estes muros são construídos.

Tal pesquisa mostrou-se relevante não só por seu caráter atual, mas também ao constatar, em busca no banco de teses da Capes¹, que em âmbito nacional não há uma só dissertação ou tese que aborde o imaginário midiático relacionado à imigração.

Assim, sabendo que o imigrante italiano chega num contexto de transformações sociais, políticas e econômicas para substituir o negro enquanto mão de obra, buscamos responder se haveriam equivalências entre o imaginário midiático destes dois grupos e, em caso afirmativo, quais os elementos acionados neste registro.

Partimos do princípio que os jornais haviam estabelecido um padrão narrativo às populações negras e este veio a contaminar o modo de registro dos italianos recém chegados em São Paulo por meio da permanência de atributos identificadores da população negra vinculados aos italianos.

¹ Pesquisa realizada em agosto de 2017. A tabela com os resultados obtidos consta nos anexos.

Para sustentar tal hipótese selecionamos como *corpus* da pesquisa textos do jornal *O Estado de S. Paulo* (antigo *A Província de São Paulo*) de 1875 a 1899 e nos baseamos no método da análise de conteúdo de Bardin (1977) a fim de mensurar a recorrência de termos expostos por Schwarcz (1987) no livro *Retrato em Branco e Negro*, que analisa a imagem do negro nos jornais paulistanos do final do século XIX, e que suspeitava-se estarem atrelados também à imagem do italiano. Por fim, com apporte teórico de Contrera (2017), Morin (2012) Thompson (1998), Toledo (2003), Pilagallo (2012) e Schwarcz (1987), discorre-se sobre a imagem e a construção do imaginário midiático do italiano no contexto histórico e social.

1 CAPÍTULO I – SÃO PAULO, SEUS HABITANTES E A CULTURA ESCRAVOCRATA

Que entendéis por uma Nação, Senhor Ministro? É a massa dos infelizes? Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos pão branco. Cultivamos a videira, mas não bebemos o vinho. Criamos animais, mas não comemos a carne. Apesar disso, vós nos aconselhais a não abandonarmos a nossa Pátria? Mas é uma Pátria a terra onde não se consegue viver do próprio trabalho?

Fala anônima de um italiano para o Ministro de Estado da Itália (Séc. XIX).

Este primeiro capítulo se fez necessário para contextualizar histórica e socialmente o local e a época em que ocorreram os fenômenos estudados. Nele evidenciam-se as relações entre os diferentes grupos étnicos e sociais e as intenções de uns para com os outros.

1.1 O PLANALTO DE TUPINIQUINS, COLONOS E JESUÍTAS

Não é possível precisar desde quando os primeiros e legítimos moradores habitam estas terras paulistas. Sabe-se que os chamados povos originários constituíam diversos agrupamentos étnicos. De acordo com TOLEDO (2003, p.55), a área que compreendia o que viria a ser o estado de São Paulo era habitada de São Sebastião à Cabo Frio (no Rio de Janeiro) pelos Tupinambás, também chamados de Tamoios. Já de Cananéia para baixo o território era dos Carijós. Os Tupiniquins habitavam a faixa central, entre São Sebastião e Cananéia, mais a Baixada Santista e o Planalto Paulista, que à época era chamado de Campos de Piratininga. Também no Planalto viviam os Guaianás ou Guaianazes.

A cultura destes povos era marcada por grandes semelhanças na organização do trabalho, culinária, crenças, adornos e vestimentas. Porém, também tinham divergências e desentendimentos que culminavam em sangrentas guerras. Foi desta rivalidade entre os povos originários que, por volta de 1530, os europeus recém-chegados se valeram para conquistar o território e explorar suas riquezas.

Usaram deste artifício os portugueses que venceram a Serra do Mar e ao chegar ao planalto depararam-se com Tupiniquins e Tupinambás em guerra. Os colonos conseguiram aliar-se aos Tupiniquins graças à ajuda de um português já estabelecido no planalto, de nome João Ramalho. Toledo (2003, p.53) traz trechos de cartas da época que retratam a figura de João Ramalho e seu estilo de vida:

Era um desses aventureiros, como tantos houve outrora, que buscavam a vida, arriscando-a desassombradamente, e procurando entre perigos um viver libérrimo, dissoluto, gozado, sem as peias de uma sociedade regular e sem testemunhas importunas. (TOLEDO apud CORTESÃO, 2003, p.53).

Por este texto deduz-se que João Ramalho não era arraigado aos preceitos religiosos, leis e regras sociais de *além-mar*. Como os índios, não via problema em andar nu e exercer o cunhadismo². O português soube, inclusive, usufruir muito bem de tal prática. Juntou-se a Bartira, filha de Tibiriçá, cacique mais poderoso da região. Assim, quando a esquadra de Martim Afonso aportou em São Vicente, João Ramalho foi logo avisado pelos índios espantados com os forasteiros. Este convenceu os Tupiniquins que ao invés de atacar ajudariam os recém-chegados. Desta forma, surpreendeu os portugueses ao recebê-los falando sua língua nativa e convidando-os à subir a serra.

Exercendo os papéis de guia, de tradutor e intérprete, não é de se estranhar que João Ramalho logo recebesse o direito de suas terras e os títulos de alcaide-mor da vila recém-fundada, e capitão-mor do campo pela coroa portuguesa (TOLEDO, 2003, p.89). Os europeus não tardaram a perceber que para conquistar algo no planalto precisariam se aliar à João Ramalho e seus seguidores, e João Ramalho percebeu que para manter e ganhar ainda mais poder seria necessário lançar mão de novas práticas nada cristãs.

Sabendo que Tupiniquins e Tupinambás tinham o costume de sacrificar seus rivais em batalha, João Ramalho e os colonos portugueses conseguiram persuadir os primeiros a aprisionar os Tupinambás em troca de objetos trazidos pelos europeus que utilizavam-nos como força de trabalho.

Tal prática foi condenada pelos jesuítas que chegaram ao planalto e em 25 de janeiro de 1554 fundaram o Colégio de São Paulo de Piratininga. O projeto de aldeamento proposto por eles sugeria que os índios convertidos ao cristianismo continuassem servindo os colonos nas roças e lavouras em troca de um salário modesto (MONTEIRO, 1994, p.35-36). Tal medida colocava-se como método alternativo de conquista e assimilação dos povos nativos.

² Darcy Ribeiro em seu livro *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil* utiliza o termo cunhadismo para designar a prática dos índios de introduzir um estranho à sua comunidade oferecendo-lhe uma mulher. Com isso, o estranho passava a contar com a comunidade de sua “esposa” para o trabalho e para a guerra.

A insatisfação dos colonos com a ingerência dos jesuítas sobre os trabalhadores indígenas prolongou-se pelo século XVII até culminar na expulsão dos religiosos da região no ano de 1640.

1.2 MÃO DE OBRA INDÍGENA

Bahia, Pernambuco e, em menor escala, Rio de Janeiro, viviam do cultivo da cana-de-açúcar, principal atividade agrícola do Brasil colonial, beneficiados pela proximidade entre os centros de produção e distribuição e pelo massapê³. Já o Planalto de Piratininga, futura cidade de São Paulo, isolado pela Serra do Mar de matas densas, mais distante dos portos europeus e com qualidade do solo inferior, sobrevivia graças a uma precária policultura de subsistência.

Sem a intervenção dos jesuítas, cada vez mais o índio era subjugado ao trabalho forçado. Também, cada vez mais, portugueses e índias intensificavam suas relações, surgindo assim o mameluco. Filho de pai europeu e mãe índia, como os filhos de João Ramalho e Bartira, estes sujeitos sabiam caminhar nas matas fechadas e enfrentar seus animais ferozes, usavam ervas para a cura de doenças e falavam a língua nativa. Tais habilidades eram requisitadas pelos portugueses, principalmente para capturar índios no sertão como exposto no trecho abaixo:

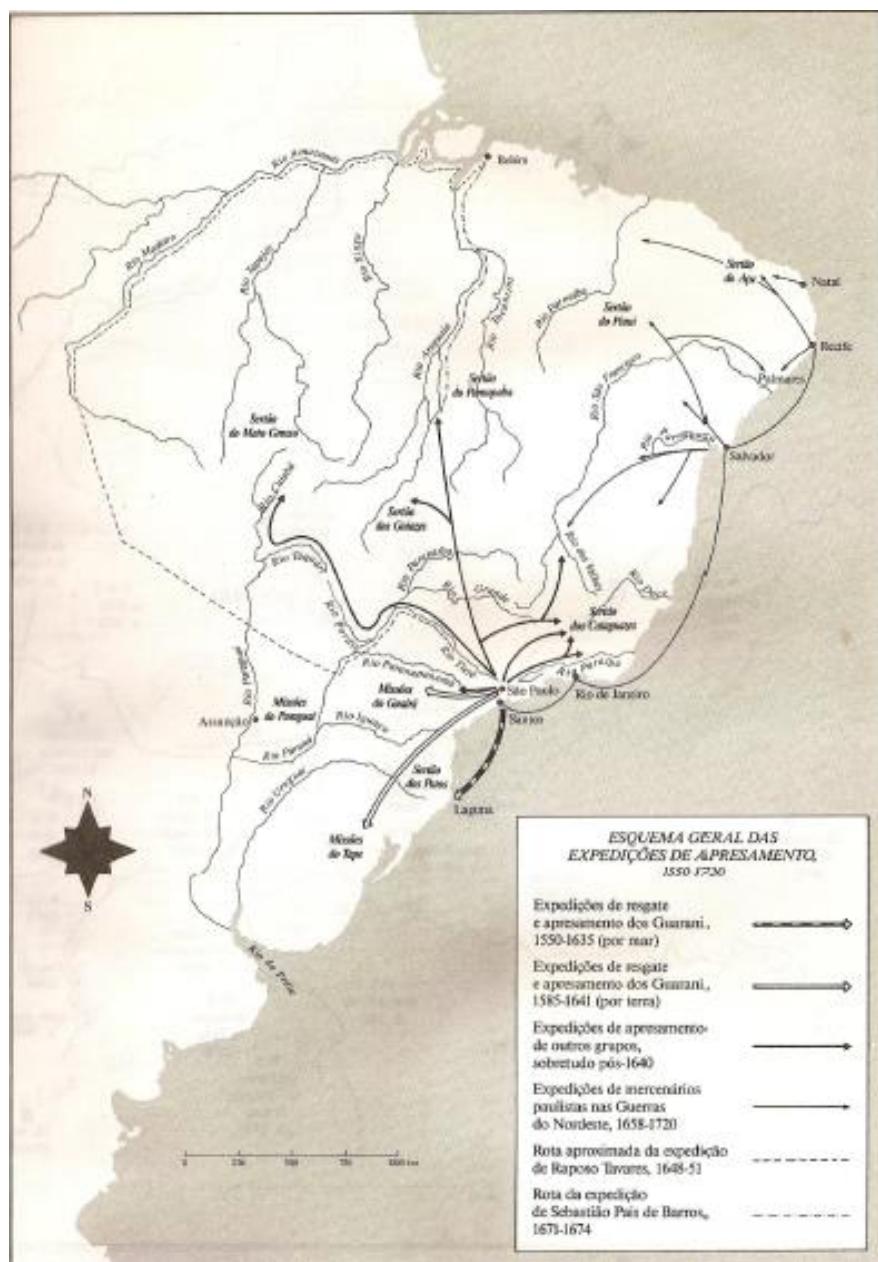
Vivendo entre os índios, andavam nus, riscados, pintados, a beber cauim, a tanger maracás e a saudar lacrimosamente os visitantes; bailavam, cantavam, esposavam índias, das quais tinham filhos; adquiriam nomes índios, e no lado deles guerreavam, fosse contra tribos inimigas, fosse contra colonizadores; matavam, portanto, usando do arco e da flecha em que eram destros; aprisionavam e atacavam com muçurana os condenados; participavam ativamente, não tenho dúvida, dos ritos antropofágicos, comendo a carne do moquéum à moda tupi. A profusão de riscos e incisões que traziam no próprio corpo é, nesse sentido, reveladora de quão integrados à cultura nativa chegavam a estar os mamelecos... Mas os mesmos mamelecos que viviam nus, a esposar índias e a comer brancos, possuíam também apreciável currículo de sertanistas. Participavam de várias expedições de resgate de índios – como contaram ao espantado visitador – e ora cativavam os nativos à força, invadindo as aldeias, ora comerciavam com os “principais” do lugar, adquirindo prisioneiros de guerra ou mulheres. Nessas ocasiões, forneciam aos chefes, em troca dos cativos, nada menos que cavalos, éguas, pólvora, espingardas, arbuzes, espadas, facas, pistoletes, bandeiras, tambores... (VAIFAS,1995, p.146-147)

³ Terra argilosa, geralmente preta, de excelente qualidade para a cultura da cana-de-açúcar. *Dicionário online de língua portuguesa.* <<https://www.dicio.com.br/massape-2/>> Acessado em 8/12/17.

Estas expedições de “resgate de índios” proporcionaram o crescimento da mão de obra indígena possibilitando assim a produção e transporte de excedentes agrícolas, principalmente o trigo e o gado. Enquanto as mulheres plantavam, cultivavam e colhiam, os homens faziam o transporte deste excedente, dando início, mesmo que timidamente, às relações comerciais com outras partes da colônia portuguesa (MONTEIRO, 1994, p.67).

Com a economia local baseada na mão de obra indígena, tornou-se um negócio altamente lucrativo a venda e troca de índios para o trabalho. Isto fez com que os bandeirantes, responsáveis pelas expedições, se embrenhassem cada vez mais sertão adentro, conforme pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 1 - Esquema Geral das Expedições de Apresamento – 1550 - 1730



Fonte: MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras. 1994

Tais expedições passaram a contar também, além do aprisionamento de índios, com outros objetivos. A possibilidade de exploração de minas de metais e pedras preciosas causou entusiasmo na coroa portuguesa que passou a investir nas jornadas.

...as expedições maiores articulavam-se de forma mais explícita a um projeto coletivo de desenvolvimento... Quando governador do Brasil, entre 1591 e 1601, d. Francisco dedicou-se com afinco a busca de metais e pedras preciosas... d. Francisco aromou três expedições, saindo simultaneamente da Bahia, Espírito Santo e São Paulo, com destino ao São

Francisco. A vertente paulista do empreendimento contou com pelo menos 25 colonos, cada qual com seus respectivos índios. Entrando pelo vale do Paraíba, os exploradores atravessaram a serra da Mantiqueira acreditando ter descoberto as minas a setenta ou oitenta léguas de São Paulo. Uma parte do grupo seguiu para Salvador com amostras de pedras preciosas, outra passou a explorar a região do Paraúva (Araguaia – Tocantins), mas a maioria regressou a São Paulo satisfeita com os Tupinambá que havia capturado no vale do Paraíba... Em seu projeto, d. Francisco propunha articular os setores de mineração, agricultura e indústria, todos sustentados por uma sólida base de trabalhadores indígenas. (MONTEIRO, 1994. p. 58 – 59)

Porém, a corrida às minas desencadeou a crise da escravidão indígena em decorrência do êxodo da mão-de-obra local além da dificuldade de acesso à terra por parte dos colonos e a crescente resistência por parte do índio, o que culminou numa situação de decadência e pobreza da Capitania de São Paulo no século XVIII.

Sem acesso a grandes números de trabalhadores indígenas para cultivarem terras virgens ou, ainda, herdando unidades de produção decadentes e terras exauridas dos primeiros ocupantes portugueses, a grande maioria dos homens livres paulistas, junto com um número sempre menor de índios subalternos, trazidos com grande sacrifício de sertões longínquos, cultivava roças primitivas para sustentar a família, a parentela e os índios de serviço, produzindo apenas eventualmente um pequeno excedente para vender nos mercados ínfimos das vilas. Em suma, a expansão do povoamento e o desenvolvimento da agricultura em São Paulo no século XVII, ao introduzir uma perspectiva de riqueza comercial, estabeleceu, ao mesmo tempo, a medida da pobreza rural. (MONTEIRO, 1994. p. 207 – 208)

Estes lavradores pobres e agregados livres ficaram conhecidos como “caipiras”. Santos (2003, p.101) nos traz que “esses sujeitos sociais que marcaram presença em São Paulo na virada do século, ficaram conhecidos como ‘caipiras ou caboclos’, em parte em decorrência da distância de suas residências, em parte por causa de suas origens indígenas e características físicas e comportamentais vinculadas à população pobre nacional”.

Este era o retrato da camada mais populosa da sociedade de São Paulo que seguia em preocupante crise, tanto que em 1765 o governador Morgado de Mateus recebeu a missão de incrementar o cultivo de cana-de-açúcar em São Paulo, até então rudimentar, a fim de nutrir uma outra base econômica e conter o despovoamento.

1.3 MÃO DE OBRA AFRICANA

A escassez de mão de obra também atingia diretamente os produtores açucareiros. Os paulistas mais abastados resolviam-na da maneira mais simples, comprando escravos negros do Nordeste onde o cultivo da cana e o mercado de escravos funcionavam há muito tempo. Porém, além de serem poucos os paulistas com recursos suficientes ou acesso ao crédito para a compra de escravos, o preço da mão de obra escrava disparou com a descoberta da mineração nas Gerais. De acordo com MONTEIRO (1994, p.221) “em São Paulo, entre 1695 e 1710, o preço de um escravo adulto pulou de 45\$000 a 180\$000, chegando, em 1710, a 250\$000”.

Com isso, a economia do planalto se transforma novamente. Os proprietários de escravos africanos passaram a se dividir em dois tipos: os que integravam o escravo negro, juntamente ao índio, em seus plantéis, e os que vendiam escravos para o trabalho nas minas das Gerais, Mato Grosso e Goiás. Desta forma, a cidade de São Paulo se constituiu mais como ponto de passagem dos escravos. Ficavam na capital aqueles desprezados para o trabalho nas fazendas e nas minas, alguns poucos que trabalhavam nas casas mais abastadas e os fugidos.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é uma prova de que, já em meados de 1720, alguns negros se organizavam enquanto comunidade e se utilizavam de elementos da cultura de seus senhores para estabelecer-se enquanto grupo.

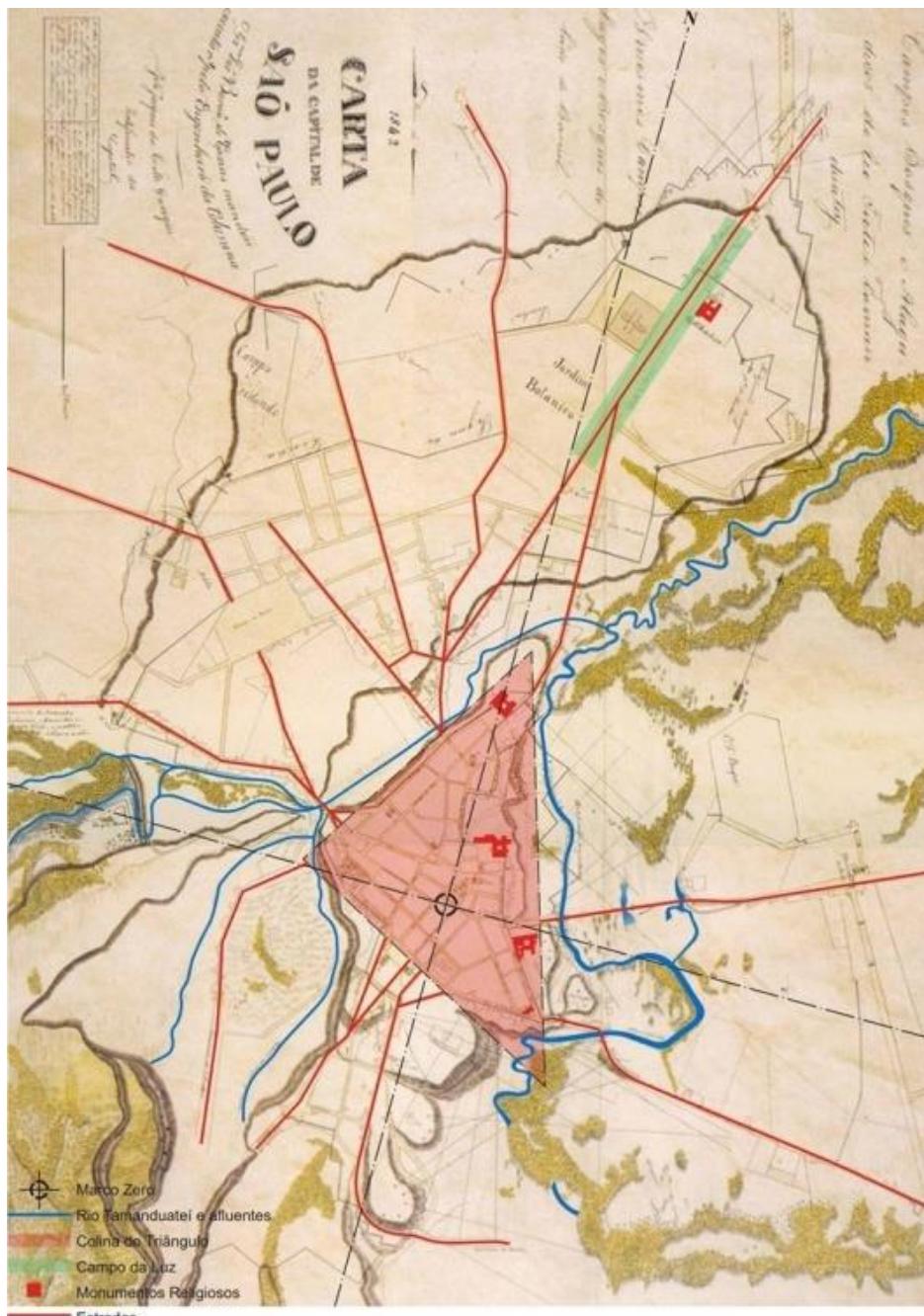
Nesse lugar, que viria a ser o largo do Rosário, e depois a praça Antônio Prado, edificou-se, na década de 1730, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos - daí o nome da rua[...] O surgimento de uma igreja só para os negros, na cidade, denuncia não só um número já significativo deles, mas também uma surpreendente capacidade de associação. Uma capela primitiva, no mesmo local, existiria já desde o início da década de 1720. Sua ereção teria coincidido, muito possivelmente, com a constituição da cidade, a exemplo do que ocorria em outras cidades e vilas do Brasil, da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

O certo é que essa irmandade, cuja dedicação a Nossa Senhora do Rosário reflete uma devoção com raízes na própria África, por influência de evangelizadores portugueses, já estava constituída em 1728, quando pediu à Câmara - e obteve - a titularidade da área onde tinha sua capela, para a edificação de uma igreja[...] A igreja do Rosário assinala não só um número já razoável de negros em São Paulo e sua capacidade de associação. A memória que dela restou também revela que, a exemplo de outras cidades brasileiras, e notadamente na Bahia, os negros de São Paulo davam-se a práticas sincréticas, misturando o catolicismo recém-abraçado com as crenças africanas de seus ancestrais. Vale isso dizer que, se em parte domesticavam-se à vontade e à cultura do escravizador, de outra parte entrincheiravam-se nas tradições de suas raízes, como instrumentos de

resistência. Na parte de fora da igreja transcorriam ritos em que terços católicos se misturavam a peles de lagarto ou de sapo, figas de guiné, olho de cabra e pés de galinha. Também havia festas em que se dançava o “tambaqué” e se encenava a congada. Nos arredores da igreja foram-se instalando, uns para morar, outros para vender doces, mandioca, pinhão ou milho, frutas ou legumes, negros alforriados, ou “escravos de ganho”, como eram conhecidos aqueles que os patrões lotavam no pequeno comércio de rua para arrecadar-lhes alguns trocados” (TOLEDO, 2003, p.243-245).

Estes negros buscavam não só seu espaço social, mas geográfico também. Ainda nos primeiros anos do século XIX, São Paulo se desenvolvia de maneira lenta e modesta. Mesmo após sua elevação à categoria de cidade em 1711, seu núcleo urbano era caracterizado por um triângulo em cujos vértices ficavam as igrejas de São Francisco, de São Bento e do Carmo, que se interligavam pelas ruas: Direita de Santo Antonio (rua Direita), do Rosário (rua 15 de Novembro) e Direita de São Bento (Rua São Bento). Como representado na imagem a seguir:

Figura 2 - Desenho sobre carta da capital de São Paulo de 1842.



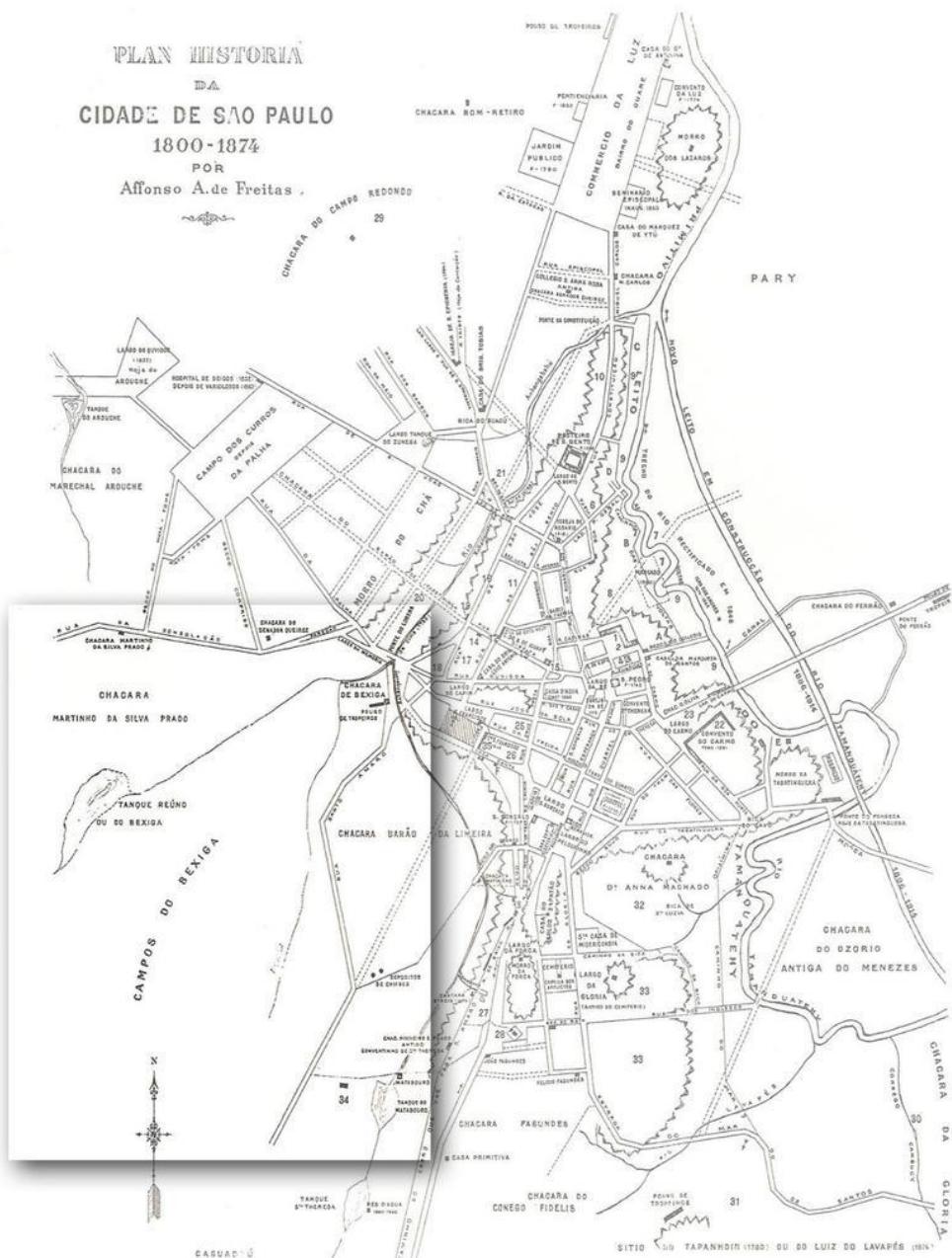
Fonte: José Jacques da Costa Ourique. Original pertencente ao Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1842.htm>. Acessado em: 15/08/2017

Fora de tal triângulo situavam-se os “Campos do Bexiga”.

[...]Esse ponto unia (a ponte do Lorena cruzamento com a Rua do Ouvidor - hoje Rua José Bonifácio) o centro histórico à estrada para Pinheiros e Sorocaba, a Estrada do Piques, um caminho de tropeiros. Chegando por essa via, depois de cruzar a ponte, o viajante dirigia-se ao Pouso do Bexiga, que ficava à direita, embaixo. À volta ficavam as pastagens, os ‘Campos do Bexiga’, hoje bairro do mesmo nome. [...] O núcleo central da cidade, o ‘triângulo’, chamava-se, em tempos idos, “para dentro das pontes”. No

início do século XIX, feirantes e tropeiros, ao passar com seus animais carregados de mantimentos pelas “pontes de fora” como as de Pinheiros, Santana, Emboava, pagavam pedágio e recebiam uma guia que deveriam apresentar aos fiscais, os “comandantes da ponte” como eram chamados, numa das pontes que circundavam o centro, as chamadas “pontes de dentro”, a saber, a do Lorena e do Marechal (sobre o Anhangabaú), do Carmo e do Fonseca (sobre o Tamanduateí), tudo de acordo com os termos do “Registro das Instruções para o Governo das Pontes” [...] (TOLEDO, 1983, p.26-30).

Figura 3 - Destaque da região suburbana dos Campos do Bixiga. Planta da cidade de São Paulo 1800-1874



Fonte: Affonso A. de Freitas. De: Revista do IHGSP. v. 16, 1911. Apêndice p. 474-475. -- Assinala chácaras, casas, largos, construções de interesse histórico, cultural e arquitetônica. Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/mapoteca/item/105697-plan-hist%C3%ADria-da-cidade-de-s%C3%A3o-paulo-por-affonso-a-de-freitas.html>. Acessado em: 15/08/2017

Temos assim o que pode ser chamada de primeira zona periférica da cidade. E não é de se estranhar que aqueles que ocupam as margens da sociedade ocupem também as margens da cidade. Em frente ao Pouso do Bexiga ficava o Largo do Bexiga (hoje Rua Riachuelo) onde havia um campo com estacas onde os viajantes apeavam seus animais para o descanso ou para participar das atividades comerciais realizadas no Largo dos Piques. Este ficou famoso por suas casas de comércio, pelas feiras de animais e pelos concorridos leilões de escravos que aconteciam uma vez por semana, ao meio-dia, sob o anúncio do sino de bronze da Igreja de São Francisco.

Os negros que frequentavam os leilões do Piques, muitas vezes, se refugiavam nos matos, capoeiras e capinzais do Bexiga. Esses matos eram convidativos para esconderijos de negros aquilombados. Em 1831, foi entregue um requerimento assinado por várias pessoas, reivindicando o fechamento do acesso entre o Anhangabaú e o Bexiga, cujo objetivo era impedir o trânsito de escravos fugitivos da região do Bexiga para outras. (LUCENA, 1984 apud BORGES, 2001, p.43)

A quantidade de negros em São Paulo cresceu de forma extraordinária em consequência da explosão da economia cafeeira concomitantemente à crise da agroindústria açucareira no Nordeste e a lei de 1850 que proibia o tráfico africano. Tais acontecimentos desencadearam na redistribuição interna de escravos. Borges (2001, p.49) nos traz que “em 1887, num engenho de açúcar do nordeste um escravo em idade produtiva não valia mais que 468\$000, enquanto no Sudeste, entre 1850 e 1877, chegava ao preço de 1:925\$000, na região rural”.

Assim, na capital, fugitivos e libertos fixavam-se principalmente nas baixadas do riacho Saracura (hoje Avenida Nove de Julho), que foram denominadas Saracura Grande (hoje Rua Almirante Marques Leão) e, do outro lado, Saracura Pequena (hoje Rua Rocha). A permanência dos negros na região era conveniente já que, ao contrário das fazendas onde os senhores observavam e repreendiam suas práticas todo o tempo, podiam organizar-se e assim manifestar sua vida religiosa e sociocultural de maneira mais livre.

A tabela a seguir é indicativa de como os negros buscavam cada vez mais viver nos centros urbanos, mesmo que às margens.

Tabela 1

Anos	Livres		Escravos		Total	
		%		%		%
1798	15.229	71,5	6.075	28,5	21.304	100,00
1803	18.085	74,4	6.226	25,6	24.331	100,00
1816	18.865	74,0	6.621	26,0	25.486	100,00
1836	16.614	75,8	5.319	24,2	21.933	100,00
1854	7.990	70,3	7.068	29,7	23.834	100,00
1872	27.557	87,8	3.828	12,2	31.385	100,00
1886	47.204	99,0	493	1,0	47.697	100,00

Fonte: MACHADO, Maria Helena P. T. Sendo Cativo nas Ruas: a Escravidão Urbana na Cidade de São Paulo, p.5. IN: História da Cidade de São Paulo, (Paula Porta, org.), São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 59-99

A tabela também demonstra como, ao passar dos anos, a escravidão tornou-se insustentável visto o número de negros livres nas cidades e a impossibilidade do tráfico decorrente da lei de 1850 e a lei do Ventre Livre, de 1871, que assegurava a liberdade a todo nascido a partir daquela data. Os ricos fazendeiros, porém, já vislumbravam solução para a falta de mão de obra em suas lavouras. Vejamos então como os italianos passaram a fazer parte da história de São Paulo.

1.4 MÃO DE OBRA ITALIANA

Como forma de suprir o *déficit* de mão de obra nas lavouras paulistas os cafeicultores enxergaram na imigração uma alternativa viável e a curto prazo. Um dos entusiastas era o fazendeiro Antônio Prado, que em 1871 se destacou como um dos criadores da Associação Auxiliadora da Colonização e Imigração. Tal Associação tinha como objetivo recrutar os trabalhadores na Europa e contava com os recursos dos próprios fazendeiros. Como estes ganhavam cada vez mais influência nos governos imperial e provincial o poder público passou a subsidiar parte dos custos da importação de trabalhadores.

A Associação Auxiliadora funcionava da seguinte forma: iniciava na Europa a propaganda das oportunidades de trabalho no Brasil, recrutava os trabalhadores e

pagava integral ou parcialmente as passagens. No Brasil, distribuía os recrutados pelas diferentes frentes de trabalho (TOLEDO, 2003, p. 429 - 430).

Figura 4 - Anúncio de trabalho no Brasil destinado aos italianos



Fonte: A imigração italiana para o Brasil. Itáia viagem. Disponível em: <http://www.italiaviagem.com/blog/a-imigracao-italiana-para-o-brasil/>. Acessado em: 22/11/2017

Figura 5 - Anúncio de trabalho no Brasil destinado aos italianos.



Fonte: A imigração italiana no Brasil. Disponível em: <http://www.italiaviagem.com/blog/wp-content/uploads/2017/03/locandina-imigr%C3%A7%C3%A3o-italiana.jpg>. Acessado em: 22/11/2017

É importante salientar que já haviam alguns europeus, além dos portugueses, estabelecidos na cidade, como Henrique Schaumann, dono da botica *Ao Veado de Ouro* e cônsul honorário da Alemanha; Fox, o inglês dono de relojoaria e

responsável pelo funcionamento do relógio da Sé e o francês Garraux, dono da melhor livraria da cidade, dentre outros.

Os imigrantes de quem falamos aqui porém são gente simples, expulsos de seus países de origem pela fome e pobreza extrema.

Sobre a primeira leva de imigrantes, Toledo (2003, p.432) nos traz que chegaram num dia de dezembro de 1827 e que estes foram recebidos sob olhares desconfiados e curiosos:

...eis que numa tarde, os sossegados habitantes da vila paulistana, entre admirados e medrosos, viam entrar pelas ruas estreitas magotes de gente estranha, suja, cansada, os homens de barba espessa, as mulheres magras, carregando filhos assustados. Os carros de boi, requisitados e obtidos com dificuldade, rangiam morosos, levando velhos e crianças sob toldos improvisados. Alguns felizes escachavam-se em poucas mu;as de viagem conseguidas com empenho e sorte. A maioria vinha extenuada e havia, tanto da parte dos recém-chegados como da parte dos curiosos habitantes, olhares de desconfiança recíproca.(TOLEDO, 2003, p.432)

Este grupo ficou, por dois anos, hospedado no Hospital Militar até ser transferido para os locais onde deveriam fixar-se definitivamente. O grupo foi separado, os protestantes foram para Santo Amaro e os católicos para Itapecirica da Serra. Estes imigrantes ganharam terras para cultivar formando assim núcleos coloniais. A intenção era que povoassem o território, diversificassem as práticas agrícolas até então usuais pelos caboclos e, nos casos das regiões limítrofes como o sul do Brasil, reforçar a defesa do território.

Porém, o foco deste trabalho é a imigração oriunda do surto da economia cafeeira, que, como dito por Prado Jr (1963, p.240) era “nada mais que um processo forçado e artificial de recrutar, não verdadeiros povoadores, mas simplesmente instrumentos de trabalho para a grande lavoura cafeeira”. Tal processo mostrava-se também extremamente lucrativo. O fazendeiro José Vergueiro, num artigo para o jornal Correio Paulistano, de 8 de janeiro de 1870, traz o cálculo de que a compra de 100 escravos era equivalente a pagar 1.666 trabalhadores livres no ano.

Com tamanho lucro não é de se espantar com o aumento exponencial de imigrantes em terras brasileiras e principalmente paulistas, como consta nas tabelas abaixo:

Tabela 2

Ano	Estrangeira	Nacional	Total
1872	2.082 – 8,00%	23.938 – 92,00%	26.020
1886	12.290 – 25,77%	35.407 – 74,23%	47.697
1890	14.303 – 22,03%	50.631 – 77,97%	64.934
1893	67.060 – 55,72%	53.715 – 44,48%	120.775
1895	71.000 – 54,62%	59.000 – 45,38%	130.000

Fonte: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Nem tudo era italiano. São Paulo: Editora Annablume 2003, p.35

Tabela 3

Períodos	Brasil		Estado de São Paulo	
	Total	Italianos	Total	Italianos
1870/1879	193.931	47.100	11.330	3.411
1880/1889	453.787	276.724	183.504	144.654
1890/1899	1.211.076	690.365	734.985	430.234

Fonte: BORGES, Rosangela Ferreira de Carvalho. Axé, Madonna, Achiropita! – Presença da cultura afro-brasileira nas celebrações da igreja Nossa Senhora Achiropita, em São Paulo. 2013, p.67

Como exposto, a partir de 1893 a população estrangeira, de maioria italiana, chegou a ser mais numerosa que a nacional, o que culminou numa série de medidas para que o planejamento dos cafeicultores de levar a mão de obra imigrante para as lavouras ocorresse sem grandes problemas. Uma das medidas tomadas foi a construção de uma enorme *Hospedaria dos Imigrantes*, no bairro do Brás. A instalação de dois andares foi erguida entre 1886 e 1887 junto aos trilhos da *Estrada de Ferro Santos-Jundiaí*. A localização era proposital pois, como os imigrantes não tinham autorização para deixar a hospedaria, o trem vinha diretamente de Santos e fazia uma parada diretamente na hospedaria onde os estrangeiros ficavam até serem transferidos para as fazendas.

As condições nesse local não era das melhores, começando por sua capacidade feita para acomodar três mil pessoas, mas que chegou a abrigar oito mil imigrantes. Soma-se a isso as restrições de alimento e difícil acesso a itens básicos de higiene. Ainda assim, a vida não era pior do que nas fazendas.

Muitos fazendeiros mudaram de pessoal, nos seus domínios, mas não mudaram de métodos. Não eram incomuns os casos de espancamento, nem aqueles em que os imigrantes eram alojados nas antigas senzalas. Havia contratos especificando que o trabalho seria de “sol a sol”, e multiplicavam-se as cláusulas prevendo multas e reduções de salários. Muitas vezes as compras dos trabalhadores tinham de ser feitas nas próprias fazendas, a preços inflacionados, o que os endividava e lhes aumentava a dependência do patrão. (TOLEDO, 2003, p. 435)

Pelos motivos acima, muitos italianos fugiam das fazendas ou nem sequer passavam pela hospedaria. “Em 1895, um deputado acusa que dos 74.795 imigrantes chegados em 1893, 37.641 não foram para a lavoura e 5.800 não deram entrada na Hospedaria e teriam se espalhado em São Paulo, Santos ou nas estações intermediárias entre São Paulo e Santos” (ANDRADE, 1991, p.99).

Grande parcela destes imigrantes que buscavam estabelecer-se no núcleo urbano era proveniente da Calábria, Sicília, Basilicata e Campanha, onde exerciam ofícios urbanos e, portanto buscavam oferecer os mesmos serviços por aqui evitando assim o trabalho no campo.

Foi assim que os imigrantes espalharam-se pelas regiões periféricas de São Paulo. É o caso do Bexiga, já ocupado por negros desde quando era quilombo, como já abordado, e transformado em reduto italiano tempos depois.

Em 1878, teve início o arruamento do Bexiga. Antônio José Leite Braga, então proprietário daquelas terras, começa a vender os terrenos que foram loteados. Os terrenos às margens do Saracura eram mais baratos pois enchiham facilmente com as cheias do riacho. Com isso os mais abastados se concentraram na parte alta do bairro, na rua dos Ingleses.⁴ Muitos destes terrenos foram anunciados no jornal *A Província de São Paulo*:

Oficinas de Santo Antônio (Bexiga) A.J.L Braga e Cia - os proprietários deste importante estabelecimento industrial tem a honra de anunciar às pessoas que desejarem comprar terrenos, que tendo comprado os terrenos denominados - Pastos do Bexiga - nos quais já estão situados suas oficinas, vão levantar um plano geral de arruamento em todos os terrenos assim adquiridos para abrir venda de pequenos e grandes lotes à vontade do comprador. Os senhores que ali pretendem terrenos livres de todo e qualquer ônus, com excelentes águas, bons pastos, matas e ponto de vista admiráveis, podem desde já dar suas encomendas ao Sr. Emilio Rangel Pestana, ou nas oficinas de Santo Antônio ao gerente da mesma. (A Província de São Paulo, 1878, p.3)

⁴ Borges, Rosangela. op. cit, p.46.

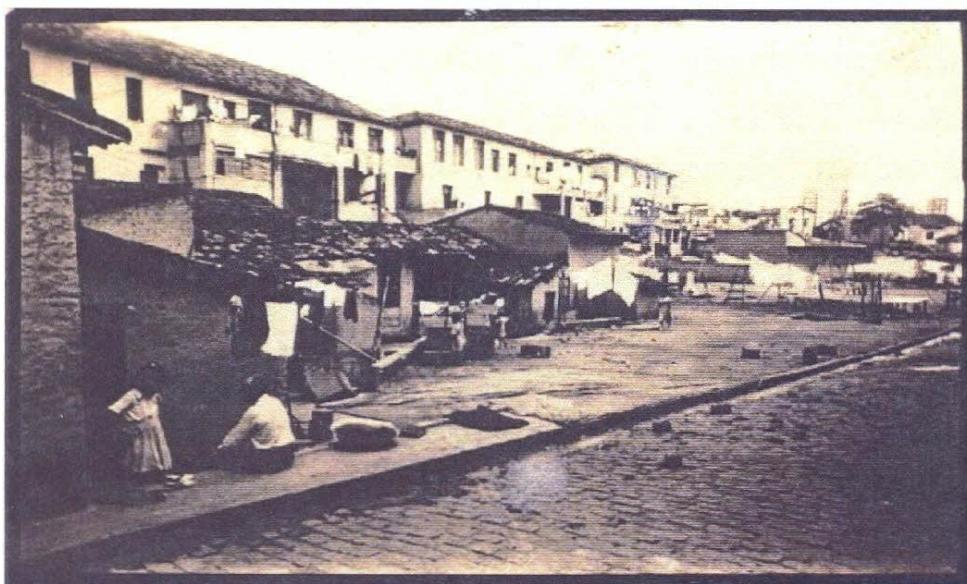
Os compradores destes terrenos eram, em sua maioria italianos, como demonstra o depoimento de Armando Puglisi:

[...] uma turma grande, todos dessa cidade de Rossano, uns 90%, fugiram da fazenda do café onde trabalhavam, não sei em que cidade, e acabaram caindo aqui no Bixiga [...] Um monte de gente se virava vendendo queijo, outros cebola, outros batata, outros alho. E todo esse terreno aqui do Bixiga pertencia a um português chamado Antônio Leite Braga. Vendo que nesse comércio os italianos começaram a ganhar um dinheirinho, ele fez o primeiro loteamento do bairro, para vender para esses italianos [...] Comprados esses terrenos, quem vai fazer as casas? Então eles começaram a escrever para a Calábria: "Quem é pedreiro vem cá porque nós estamos comprando uns terrenos, estamos ganhando um dinheiro". Então começaram a vir os primeiros pedreiros italianos. [...] O pessoal daqui colocou o apelido neles de engenheiros de cabo de guarda-chuva, porque eles riscavam o chão com a ponta do cabo de guarda-chuva para indicar onde seria feito o quarto, a cozinha, o banheiro [...] A turma até caçoava chamando de "estilo macarrônico". Era o jeito que eles viam na Itália, mais ou menos, e faziam. (MORENO, 1996, p.26-30)

Tais residências eram construídas mesclando os estilos arquitetônicos neoclássico e *art-nouveau*. Além disso, eram amplas, tinham em média dois andares, porão e sótão com sacadas grandes. Como os terrenos eram estreitos, porém compridos, construíam também casas de dois cômodos no fundo, para aluguel. Era comum também que tais italianos utilizassem o primeiro andar da casa, no nível da rua, para estabelecerem seus comércios ou oficinas de serviços. (BORGES, 2013. p.63)

Também alugavam quartos nas amplas residências, o que culminou nos famosos cortiços do Bexiga, onde negros, caboclos e italianos conviviam, e fez com que o bairro atingisse, em 1950, a impressionante marca de 17.731 habitantes por quilômetro quadrado, mesmo não tendo edifícios de grande porte (TOLEDO, 2003. p.168).

Figura 6 - Cortiço no bairro do Bexiga em 1910



Fonte: B. J. Duarte. Disponível em: goo.gl/ugjdsScontent_copy. Acessado em: 22/09/2017

A pedido da Câmara Municipal, em 1893, uma comissão investigou os cortiços e chegou à seguinte conclusão: “Uma cidade como esta, rodeada de campos vastíssimos, com terrenos largos adequados a todas as construções, não deve possuir em seu seio esses antros denominados cortiços, onde fenece a saúde mais robusta e onde o operário incauto, à busca de uma economia ilusória e fatal, encontra quase sempre os germes que o dizimam” (TOLEDO, 2003. p.442).

Mas os imigrantes eram muitos, não cabiam todos nos cortiços do Bexiga. Graças a estrada de ferro, que ligava Santos à zona cafeeira, começaram a surgir os bairros operários nas bordas da cidade, fazendo-a “esticar” de maneira desordenada. A ferrovia (antiga São Paulo Railway) contornava a “cidade” pela várzea do Tamanduateí (ao leste) e pela várzea do Tietê (ao norte). Ao longo da ferrovia e ao redor das estações desenvolveram-se núcleos urbanos onde antes haviam apenas chácaras. O bairro do Brás foi um destes núcleos, primeiramente por conta daqueles que conseguiam fugir da hospedaria ou que nela nem deram entrada, fugindo já na estação, depois por conta das fábricas que ali se instalaram e espalharam-se pelos arredores, como Mooca, Belenzinho e Pari.

O mesmo aconteceu no Bom Retiro, colado à estação da Luz, e à Água Branca, Barra Funda e Lapa. Eram bairros pobres, onde famílias inteiras aglomeravam-se em casinhas apertadas e padeciam pela falta de serviços básicos como fornecimento de água e transporte urbano.

Estes imigrantes que ficavam na cidade buscavam estabelecer-se, como já posto anteriormente, oferecendo serviços que já desenvolviam em sua terra natal ou que, até então, eram desconhecidos na cidade. Assim, muitos dos imigrantes italianos foram trabalhar como pedreiros, marceneiros, sapateiros e também no comércio, como ambulantes. Passavam vendendo, de porta em porta, frutas, legumes, flores e peixe fresco que, graças à estrada de ferro, compravam em Santos no mesmo dia e traziam para revender na capital. Os meninos ofereciam o serviço de engraxate ou de aguadeiro, que consistia em recolher água nos poços abertos próximo aos rios e a vender em pipas (TOLEDO, 2003. p. 438).

Também passaram a trabalhar como condutores de coches de aluguel ou particular, servindo as famílias ricas. Esta proximidade das famílias ricas por vezes era utilizada para arrumar pequenos serviços para os negros, a fim de que estes lhes pagassem o devido aluguel, como empacotador, carregador ou lavador de roupas nos casarões da Paulista e na rua dos Ingleses.

Por fim, muitos destes italianos foram trabalhar na nascente indústria de São Paulo. Em 1895 foi feito um relatório oficial que contabilizou 52 delas. As indústrias eram do ramo têxtil, fabricante de chapéus, de fósforos, de cerveja e também serrarias e fundições (TOLEDO, 2003. p. 438). Além de operários, eram os italianos também consumidores de tais produtos nacionais.

A indústria têxtil, por exemplo, não foi montada para prover as famílias abastadas, que jamais aceitariam cobrir-se com algo que não viesse de Paris ou de Londres. Eles continuavam a se abastecer com as roupas importadas das lojas da rua São Bento. À indústria nacional cabia produzir tecidos grosseiros, cujos preços fossem compatíveis com consumidores pobres ou remediados.(TOLEDO, 2003, p. 439)

Cabe dizer que grande parte destes novos industriais eram os ricos fazendeiros que investiam seu capital na indústria brasileira. Como exemplo, temos Antônio Álvares Penteado, que abriu, em 1889, sua indústria de tecidos. E Antônio Prado que, em 1897, em sociedade com Elias Pacheco Jordão fundou a vidraria Santa Marina. Como veremos a seguir, a grande maioria destes ricos e ilustres senhores faziam parte de um grupo que não só agitava a economia como também a política.

1.5 OS REPUBLICANOS

Como já colocado, a partir de 1870 São Paulo torna-se centro do comércio cafeeiro, e as duas grandes regiões produtoras do Estado tem sua posição invertida; o Oeste paulista passa a dominar a produção do café e com isso os donos das fazendas da região buscam, além da ascensão econômica, destaque na política.

Tabela 4

Ano	Local	Arrobas de Café	%
1854	Vale do Paraíba	2.737.639	77,5
	Oeste paulista	796.617	22,5
1886	Vale do Paraíba	2.074.267	20,0
	Oeste paulista	8.300.063	80,0

Fonte: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em branco e negro (1987, p.45).

Os ricos fazendeiros do oeste paulista incomodaram-se com a pouca representatividade na política pois isso lhes trazia perdas significativas no sentido financeiro. À época, São Paulo enviava 24.000\$000 réis ao Império e tinha um retorno de apenas 3.000\$000 réis (SCHWARCZ, 1987. p.73). Além disso, a participação política lhes conferiria maior autonomia, já que era o Império que nomeava os presidentes das províncias e, não raro, nomeava gente de fora da província e, portanto, alheia aos interesses dos cafeicultores.

Ciente da necessidade de aproximação e articulação, o fazendeiro João Tibiriçá Piratininga de Almeida Prado, proprietário de extensas plantações de café, organizou um encontro, em 18 de abril de 1873, onde convidou diversos outros componentes da elite paulistana. Tal evento ocorreu na cidade de Itu, no oeste paulista, um dia após a inauguração da ferrovia da estrada de ferro Ituana. Assim, os convidados puderam se deslocar até Itu de trem e ainda participar da festa de inauguração. Mais tarde este encontro foi chamado de Convenção de Itu.

Figura 7 - Pintura de 1921 que retrata a Convenção de Itu de 1873.



Fonte: Fotografia da autora em Museu Republicano de Itu. Pintura idealizada pelo artista Jonas de Barros em 1921 que retrata a Convenção de Itu de 1873.

Estavam presentes na Convenção, 133 pessoas, de 16 municípios diferentes, sendo três da capital. Destes 133, 78 eram fazendeiros, sendo 55 de outras profissões. Naquela noite, por estes homens, foi fundado o Partido Republicano. Para Holanda (2005, p.279), “o Partido Republicano se tornou em São Paulo, muito antes, e muito mais do que em outras províncias, uma força poderosa, coesa, organizada, apta, por isso a assumir posição de hegemonia depois de 89”. Também na Convenção de Itu decidiram-se que precisavam de um órgão na imprensa para publicar e difundir suas ideias, daí nasceu o jornal *A Província de São Paulo*, dois anos depois, conforme será abordado posteriormente.

Os republicanos passaram a se organizar com o principal objetivo de derrubar a monarquia, através do voto, e já em 1877 conseguem resultado expressivo elegendo quatro deles deputados, 10% do total de 36.

Àquela altura, um dos assuntos mais debatidos e polêmicos era a questão da escravidão. Já desde 1807 a Inglaterra pressionava outras nações para que extinguisse o tráfico, uma vez que ela e suas colônias o tinham feito a fim de garantir a existência de mercados consumidores (SCHWARCZ, 1987. p.33). A questão foi postergada até o término da Guerra da Paraguai, em 1870, quando “a abolição do regime servil se tornará daí por diante um ponto de honra nacional”, conforme Prado Jr (1963, p.176).

No entanto, o Partido Republicano, que se colocava como inovador e adepto do progresso, esquivava-se de uma posição firme e contundente em relação à abolição, afinal, a grande maioria de seus correligionários era dona das grandes fazendas de café e, portanto, dona de muitos escravos. A cidade de Itu, por exemplo, era um dos maiores centros escravistas da província. De sua população de 10.821 habitantes, 4.425 eram escravos (TOLEDO, 2003. p.447).

A plataforma dos republicanos continha seis pontos de destaque: descentralização, instituição pública, liberdade de consciência e culto, agricultura, naturalização e escravidão. Este último item era, pelos republicanos, tratado de forma breve e genérica, como demonstram os trechos a seguir: “A questão não nos pertence exclusivamente, porque é social e não política”. “Nosso objetivo é fundar a República e não libertar os escravos” (TOLEDO, 2003. p.449). Com isso, membros que de fato estavam comprometidos com a abolição, como Luiz Gama, deixam o partido.

Somente em 1884, durante a campanha, o partido republicano declara apoio à abolição. Os motivos porém são bastante curiosos, como os dos trechos a seguir:

Os modos áspéros que se notam, mesmo em nossas melhores sociedades, vêm do contato com os escravos. A cada passo vê-se um homem de boa sociedade responder a um amigo de modo áspero e mesmo grosseiro. Qual será o motivo? Será defeito da educação? Não; é o hábito de falar ao escravo sempre com império que nos dá um modo imperioso e áspero. Quem aqui reside não nota, por ser geral o defeito, para os que vêm da Europa é que torna-se ele sensível (A Província de São Paulo, 11 de agosto de 1883).

Estamos em uma situação inteiramente anômala. Um abolicionismo infrene, baseado unicamente na espoliação de direitos adquiridos e no assalto de propriedades penosamente constituídas, propaga-se aos quatro ventos brasileiros, como uma necessidade palpitante e urgente, ainda que em seu louco caminhar leve atrás de si devastação e a ruína (A Província de São Paulo, 7 de junho de 1887).

Fica claro que o objetivo principal do partido, que existiu até 1937, era atuar em benefício de seus membros. A seguir, a história em detalhes do jornal que serviu de arauto para as ideias republicanas.

1.6 A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO/ O ESTADO DE S. PAULO

Foi com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, que junto de muitas outras novidades e luxos, foi criada a imprensa brasileira. Imprensa essa que

tem início como órgão oficial, já que a primeira publicação era um jornal bissemanário destinado ao relato das façanhas do império. Antes disso, toda e qualquer tentativa de publicação ou fundação de tipografia era em vão diante da proibição irrevogável do governo que chegava à recolher e enviar o material ao reino.⁵

Somente em 1823, após a Independência do Brasil, São Paulo viu nascer sua primeira tentativa de jornal, *O Paulista*. Na sede do periódico, situada à rua São Bento, folhas de papel comum eram redigidas e copiadas à bico de pena e então distribuídas a grupos de cinco assinantes que se revezavam na leitura. Somente quando mais cinco assinaturas eram constituídas copiava-se mais um número do jornal. O processo era lento e artesanal, mas não destoava do ritmo pacato da cidade, que até então contava com menos de sete mil habitantes.

O jornal contava com o apoio do governo e despertou curiosidade nos moradores da cidade, mesmo estes sendo em sua grande maioria analfabetos. Porém, nem a aprovação do governo, nem o interesse da população foram suficientes para o sucesso do periódico que, apenas dois meses após seu início, foi fechado por problemas financeiros. Compreende-se assim porque somente em 1827 surgiu uma nova tentativa. *O Farol Paulistano* foi o primeiro jornal impresso de São Paulo, igualmente conservador e foi adquirido pelo governo em 1835.

Após o *Farol Paulistano* vieram outros, como o *Observador Constitucional de Líbero Badaró*, *O Constitucional*, que contava com quatro páginas, e *O Correio Paulistano*, que foi fundado em 1854 e era impresso na gráfica do Farol Paulistano e viria ser o principal concorrente do *A Província de São Paulo*. Contudo, antes de discorrer sobre o jornal que serve de base para as análises desta pesquisa, há de se contextualizar que de 1840 a 1890 surgiram 267 publicações.

A maioria destes jornais teve pouca relevância e vida curta, porém este grande número de publicações dá pista para a importância do jornal enquanto veículo de comunicação e a influência que exercia no modo de pensar e agir da época.

É neste contexto, que em 1875, surge o jornal *A Província de São Paulo*. Alegando imparcialidade e não comprometimento, mas totalmente envolvido com a causa republicana, o jornal é fruto de decisão tomada na Convenção de Itu, onde os

⁵ Schwarcz. **Retrato em Branco e Negro**. São Paulo: Companhia das Letras 1987, p.55-56.

cafeicultores decidiram que seria de muita utilidade um órgão de imprensa para defender e propagar seus interesses.

Dentre estes interesses, o principal era a descentralização do poder para que as províncias tivessem maior autonomia e os cafeicultores maior domínio sobre a economia local. Assim, o grupo interessado deu início às tratativas para o início do periódico. Campos Salles (que viria a ser presidente da República) e os demais 20 sócios decidiram que Rangel Pestana ficaria encarregado de tentar comprar o, já em atividade, jornal *Correio Paulistano*.

Porém a compra não acontece e ainda desencadeia uma série de intrigas entre os dois jornais. Azevedo Marques vende o *Correio Paulistano* à Antônio Prado, líder do Partido Conservador, e os acionistas do *A Província de São Paulo* enfrentam dificuldades para iniciar as atividades do periódico. Ele entra em circulação com três dias de atraso (4 de janeiro de 1875) e com tiragem de 2.035 exemplares sendo concebido em condições precárias. A empresa situava-se em um sobrado na esquina da rua do Palácio (hoje rua do Tesouro) com a rua do Comércio (hoje rua Álvares Penteado) onde as páginas eram compostas à luz de velas e impressas numa máquina de prelo manual acionada por negros libertos (SCHWARCZ, 1987. p. 74-77).

O jornal era mantido por anúncios e assinantes e as vendas eram realizadas em sua oficina de impressão. No primeiro número, o jornal de quatro páginas dedicava uma página e meia aos reclames e, de forma confusa, edições encadernadas do romance antiescravagista *A Escrava Isaura* eram oferecidas ao lado de anúncios como “Procuram-se escravos fugidos”.

Assim, em meio à dificuldades, erros e acertos, o jornal sobreviveu ao seu primeiro ano e inovou, no ano posterior, ao iniciar as vendas avulsas na rua. O imigrante francês, ajudante de impressão, Bernard Gregoire, percorreu toda a cidade montado num burro, com uma toca na cabeça e uma bolsa com alguns exemplares tocando uma corneta a fim de chamar atenção para as vendas. Esta imagem deu origem ao logotipo do jornal⁶ (PILAGALLO, XXX. p. 44).

⁶ Pilagallo, O. op. cit., p. 44.

Figura 8 - Primeiro logotipo do jornal O Estado de São Paulo



Fonte: O viajante francês. Disponível em:<https://saopaulopassado.wordpress.com/2015/05/17/o-jornaleiro-frances/>. Acessado em: 14/09/2017

Figura 9 - Atual logotipo do jornal o Estado de São Paulo



Fonte:<https://logodownload.org/estadao-logo-o-estado-de-s-paulo-logo/>. Acessado em: 14/09/2017

A ação foi ridicularizada pela concorrência e vista com maus olhos pela população que acusou o jornal de “mercantilizar a imprensa”. Porém não demorou muito para que se acostumassem a ideia e a venda de jornais, inclusive dos concorrentes, passou a ser cena recorrente na cidade.

Assim seguiam as atividades do *A Província de São Paulo*, até que em 1885, Alberto Salles, irmão de Campos Salles, ganha espaço na sociedade paulista, investe dinheiro no jornal e passa a diretor-gerente levando o jornal quase à falência após medidas extremas. Por conta de sua posição antilusitana afastou os anunciantes portugueses e irritou os editores Américo de Campos e José Maria Lisboa que saíram da redação do *A Província de São Paulo* para fundar o *Diário Popular*.

Com o jornal em péssimas condições financeiras e sem seus principais representantes restou ao então jovem e inexperiente jornalista Júlio Mesquita

reverter a situação. Este reduz, temporariamente, o número de páginas do periódico para cortar gastos e, como descendente de portugueses, consegue reconquistar alguns antigos anunciantes. O jornal volta a dar lucro e, em 1888, fica em mãos dos sócios Rangel Pestana e Júlio Mesquita (PILAGALLO, 2012. p.45).

O jornal passa a defender a causa republicana cada vez mais abertamente. Em 16 de novembro de 1889, com o fim da monarquia, o jornal estampa em manchete “Viva a República” e, após um mês, passa a se chamar *O Estado de S. Paulo*. Proclamada a República, Pestana passa a assumir cargos públicos, é eleito senador e abandona a direção do periódico. Mesquita também chegou a ser deputado estadual e federal, porém sem nunca abandonar a publicação. Em 1902, firma-se como único proprietário do jornal.

O jornal, que se mantém na ativa, conta ainda com uma longa e interessante história porém, a fim de não se alongar, iremos nos ater ao período abordado na presente pesquisa (1875 - 1899). Tracemos então algumas características gerais do jornal à época.

As ilustrações eram raras, quando constavam, em geral, estavam relacionadas aos anúncios de remédios e lojas. A diagramação, normalmente de quatro colunas, não apresentava ordem das matérias e misturava anúncios à notícias importantes, custando assim um grande esforço por parte do leitor. Novidades como o refrigerante e o arame farpado ganhavam anúncios de destaque em meio às notícias que hoje seriam consideradas irrelevantes, como brigas pessoais, esposas aflitas com a infidelidade do marido e as listas de faltas da Faculdade de Direito São Francisco. E, claro, as questões legais de posse de terras e escravos, as ocorrências policiais, óbitos e as notícias do Brasil e do mundo (SCHWARCZ, 1987. p.63-65).

No mais, prevalecia em suas páginas uma ode ao progresso, à ciência e ao positivismo, que era exatamente o contrário do que associavam aos negros e sua cultura. A influência da Igreja Católica também era bastante forte, o que fazia com que qualquer outra crença e ritual fossem retratados como demoníacos ou puro charlatanismo.

Deste modo, logo no início da imigração, quando essa passou a ser incentivada pelos cafeicultores e dentro de um contexto de branqueamento da população (abordado no capítulo a seguir), foi muito utilizado o discurso do imigrante europeu enquanto “raça” superior ao negro. A fim de justificar a substituição da mão

de obra negra pela branca, coloca-se o europeu como cristão, trabalhador e civilizado enquanto o negro é violento, indolente e descrente. Mais tarde, já fixados em grande número na cidade, os italianos também vêm a ocupar esta imagem negativa.

As diferenças encontradas na abordagem do negro e do italiano é que o primeiro, por conta da sua cor e de sua cultura, é visto como exótico, selvagem e, portanto, objeto de estudo para a ciência da época. Também a figura feminina sofre diferença na abordagem, enquanto a negra é retratada como louca, feiticeira, despudorada, a italiana quase não aparece nas páginas dos jornais.

Negros e italianos, corriqueiramente, aparecem como protagonistas das seções policiais e também nos anúncios de fuga. Nas notícias que trazem estas populações é comum o jornal fazer uso do mecanismo de despersonalização, à exemplo do que diz o antropólogo Darcy Ribeiro:

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficiência incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação de seus interesses(RIBEIRO, 1995, p.118).

É o que os jornais da época faziam ao dar nome, sobrenome e outras informações às vítimas, mas omitindo tais dados ao se referir do negro e do italiano. Esta prática, que tira a chance de identificação por parte do leitor, é utilizada com os vilões nos filmes, livros e novelas.

No entanto, desde o início do século XIX, houve tentativas de dar voz às populações desfavorecidas. A chamada imprensa negra publicava periódicos de linguagem fácil, sem preocupação gramatical e, de modo geral, seu principal assunto era a militância pró-abolicionismo.

As dificuldades encontradas culminavam na baixa circulação dos periódicos. Como o público era majoritariamente analfabeto e suas condições de produção precárias, os periódicos tinham pouca circulação e sua grande maioria teve vida curta. Sua contribuição porém é de valor inestimável para a história do país. Graças ao conteúdo destas publicações, tomamos conhecimento de que os negros não

eram submissos e tolerantes à escravidão. Como vemos no exemplo abaixo, os negros eram bastante críticos em seus textos:

Também seria de grande valor perante o progresso universal a exibição de um capitão-do-mato que seria classificado na seção de cães, como espécie nova de cão vagabundo alimentado pelos fazendeiros e destinado à perseguição da espécie humana. É uma descoberta que nos honra e que será por certo premiada pelo júri de exposição (Jornal A Redempção, 11 de março de 1888).

Os italianos também buscaram seu espaço na imprensa paulista e, como os negros, sofriam com o alto índice de analfabetismo, as dificuldades financeiras e a extensa jornada de trabalho que tornava o processo de escrita e publicação dos periódicos bastante penoso. Além de notícias da Itália e textos de interesse geral da colônia, o tom humorístico se faz muito presente nestas publicações dando grande destaque às caricaturas produzidas por italianos ou filhos de italianos.

Segue abaixo trecho do jornal *A Fanfulla*, que circula na cidade desde 1893 e se mantém até os dias de hoje em meio eletrônico.⁷ Este trecho retrata a crítica humorada e provocativa que os jornais italianos apresentavam:

Brazileros, brava gente,
Discendenza di macaco,
Han vendata la bandiera
Per un rogglio di tabacco.

(Jornal A Fanfulla 23/09/1896)

Os italianos e seus descendentes também foram os responsáveis pela imprensa operária que eclode em São Paulo no final do século XIX. Tais jornais operários denunciavam a precária situação dos imigrantes no trabalho e também difundiam o anarquismo e o socialismo no país.

Apesar de reconhecer a contribuição das publicações acima como fonte importantíssima para o entendimento da sociedade da época aqui estudada, nos atemos à visão da mídia hegemônica a partir dos recortes apresentados a seguir.

⁷ Disponível em: <http://www.jornalfanfulla.com/>

2 CAPÍTULO II – NEGROS E ITALIANOS NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO DO FINAL DO SÉCULO XIX

Sentou-se à mesa bêbado e escreveu um fundo
 Do Times, claro, inclassificável, lido,
 Supondo (coitado!) que ia ter influência no mundo
 Santo Deus! ... E talvez a tenha tido!
 (Fernando Pessoa/ Álvaro de Campos)

Ao decorrer da pesquisa surgiu, em certos momentos, o questionamento sobre a utilização do *corpus* escolhido. Por que recorrer ao jornal em busca do retrato de uma época, de uma sociedade? Não seriam os documentos oficiais suficientes e fonte de maior credibilidade? Eis que Nicolau Sevcenko traz luz e avalia de forma precisa a valiosa contribuição do jornal que o diferencia das demais fontes de registro:

É desconcertante para o historiador, esse profissional cartesiano, acostumado a dividir, separar, selecionar, ver-se de repente confrontado com uma única folha de papel que procura ser o espelho do mundo, concentrando no seu rosto todos os acontecimentos mais marcantes do momento presente. E, para seu completo espanto, aparecem lado a lado a irrupção de uma guerra sangrenta que põe em risco a própria sobrevivência da humanidade, o casamento de uma atriz de TV nacionalmente conhecida, um gol anulado numa disputa entre times locais e um chimpanzé que fugiu do circo e subiu num poste de iluminação [...] E nisso tudo o jornalismo mantém uma relação muito mais autêntica com a condição intrincada de nossa existência atual, do que as obras longamente meditadas, filtradas e cristalizadas em ambientes anódinos, longe da turbulência da sociedade e do dia a dia. Há nele muito mais ruído, confusão, hesitação, erro, contradição, emoção, imperfeição e, portanto, muito mais vida no sentido amplo e insondável desta palavra. O gesto de força com que o jornal pretende abraçar o mundo e espelhá-lo na sua Primeira Página se transforma em fragilidade diante do arranjo desarticulado e incoerente que ele produz; cinco linhas para o incêndio de uma floresta inteira na Birmânia, três colunas e um editorial inflamado para a majoração das passagens dos ônibus municipais. Aprende-se muito sobre a relatividade assustadora dos valores que nos regem".
 (SEVCENKO, 2011, p.9)

Com base nesse pensamento, de que o jornal traz um retrato da vida cotidiana, dos hábitos, costumes, ideias e portanto, do imaginário de uma sociedade, optou-se por uma metodologia que não se prenda à estrutura do texto, como na análise do discurso por exemplo, mas que permita enxergar além do que está, aparentemente, dito no texto.

2.1 RESULTADO QUANTITATIVO

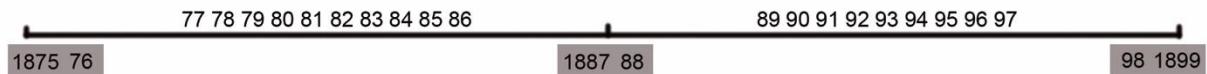
A fim de estabelecer um primeiro contato com o *corpus* da pesquisa, e também selecionar e organizar o material a ser analisado, utilizou-se o método de análise de conteúdo para o levantamento e organização das matérias jornalísticas do jornal *A Província de São Paulo/ O Estado de S. Paulo*, de 1875 à 1899. O recorte temporal foi feito com base no período histórico referente a chegada dos italianos no Estado de São Paulo conforme abordado no primeiro capítulo desta dissertação.

Segundo Bardin (1977, p. 71), a análise de conteúdo é dividida em dois tipos: quantitativa e qualitativa. Na quantitativa mensura-se a frequência de aparição de termos ou imagens no discurso, e na qualitativa atribui-se sentido às palavras, imagens, temas etc. Esta pesquisa fundamentou-se em análise de cunho quanti e qualitativo.

A análise de conteúdo, por Bardin, dispõe de três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Na primeira etapa foi feito o levantamento do material a ser explorado obtendo-se os seguintes resultados: 85.294 ocorrências do termo “negro/s” e 38.320 ocorrências do termos “italiano/s” totalizando 123.614 ocorrências no período de 1875 a 1899. O resultado obtido, de volume altíssimo, evidenciou a impossibilidade de análise qualitativa. Em decorrência deste fato, decidiu-se pela exclusão dos textos relacionados aos negros eliminando desta forma 85.294 textos. Assim, para a posterior relação entre as matérias jornalísticas sobre negros e italianos, foram utilizados os textos contidos no livro “Retrato em Branco e negro – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX”, de Lilia Moritz Schwarcz, que traz a imagem do negro nos jornais durante o mesmo período abordado nesta pesquisa.

Também optou-se por trabalhar com amostras do período. Conforme imagem abaixo foram analisados os textos correspondentes aos anos 1875 e 1876 que são os primeiros anos do jornal e o início do fluxo migratório dos italianos para São Paulo. Os anos de 1887 e 1888 remetem à crise entre monarquia e exército e, principalmente, à promulgação da Lei Áurea, fundamental para as mudanças nas relações de trabalho e para o reposicionamento social do negro. Por fim, os anos 1898 e 1899 por serem os últimos do século XIX e também pelo ápice da febre

amarela no Estado em 1898, o que levou a diversas acusações aos imigrantes por falta de higiene.



Com estas medidas chegamos ao total de 2.618 textos, tornando possível a análise de cunho qualitativo. Os gráficos abaixo permitem, de forma visual, a comparação entre o volume de material inicial e o atual:

Gráfico 1

Ocorrência do termo "italiano" por períodos

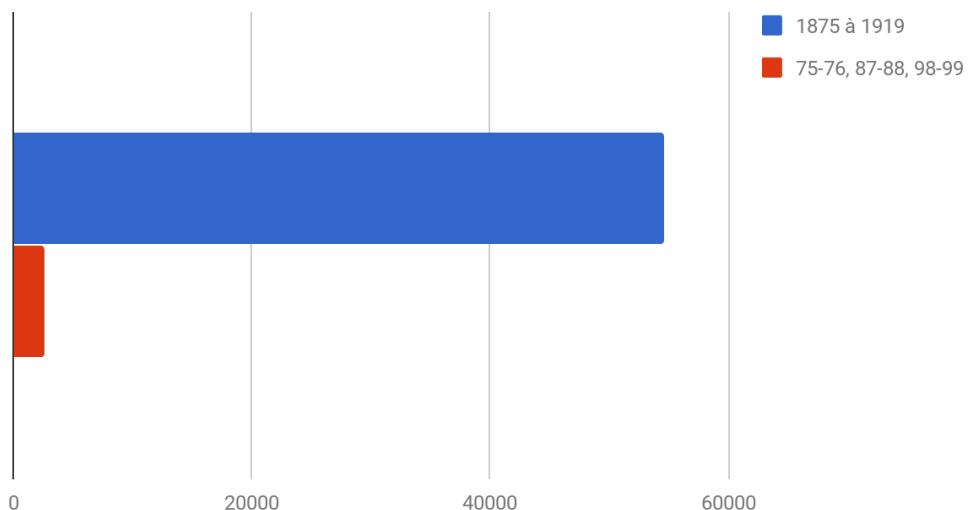
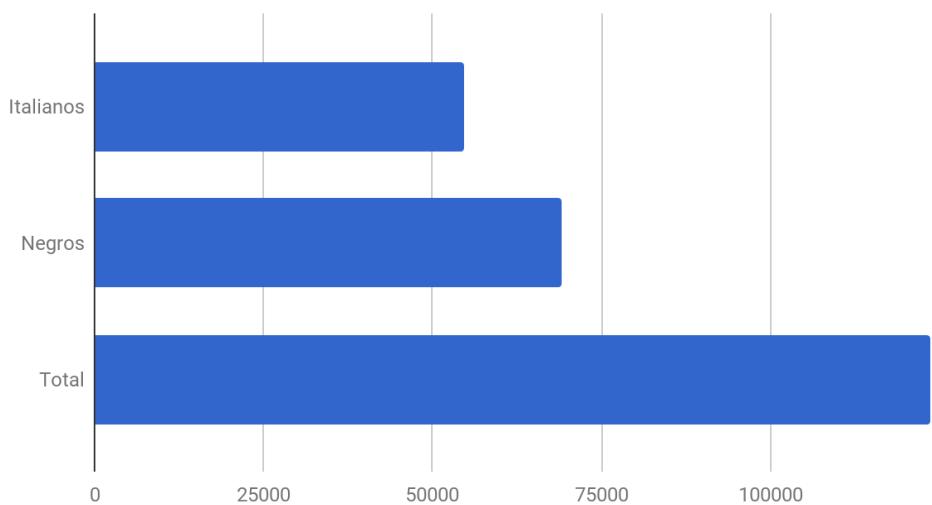


Gráfico 2



Na segunda etapa, após primeira leitura do material levantado, os textos foram separados de acordo com os termos utilizados para caracterizar os negros, conforme apontado no livro de SCHWARCZ, e que serviram também para a construção do imaginário da população italiana. Os números obtidos constam nas tabelas abaixo:⁸

Tabela 5

	1875 e 1876	1887 e 1888	1898 e 1899	Total
Italiano	405	652	1561	2618
	1875 e 1876	1887 e 1888	1898 e 1899	Total
Vagabundos	14	64	100	178
Desordeiros	31	189	162	382
Desobedientes	13	2	1	16
Fugitivos	24	58	42	124
Violentos	111	199	398	708
Ladrões/ Gatunos	74	109	188	371
Embriagados	24	35	89	148

Abaixo demonstra-se visualmente como o aumento da incidência do termo italiano está relacionado ao aumento da incidência dos adjetivos negativos. É esta relação que será interpretada na terceira etapa, conforme método de Bardin, que ficou reservada ao terceiro capítulo desta dissertação.

⁸ Os números correspondem aos textos com aparição daquela característica, podendo um mesmo texto ser contabilizado em dois dos adjetivos. Exemplo: Uma matéria que retrata assalto seguido de morte, o texto será contabilizado para o adjetivo ladrão e para o adjetivo violento.

Gráfico 3

Incidência do termo "italiano" por período

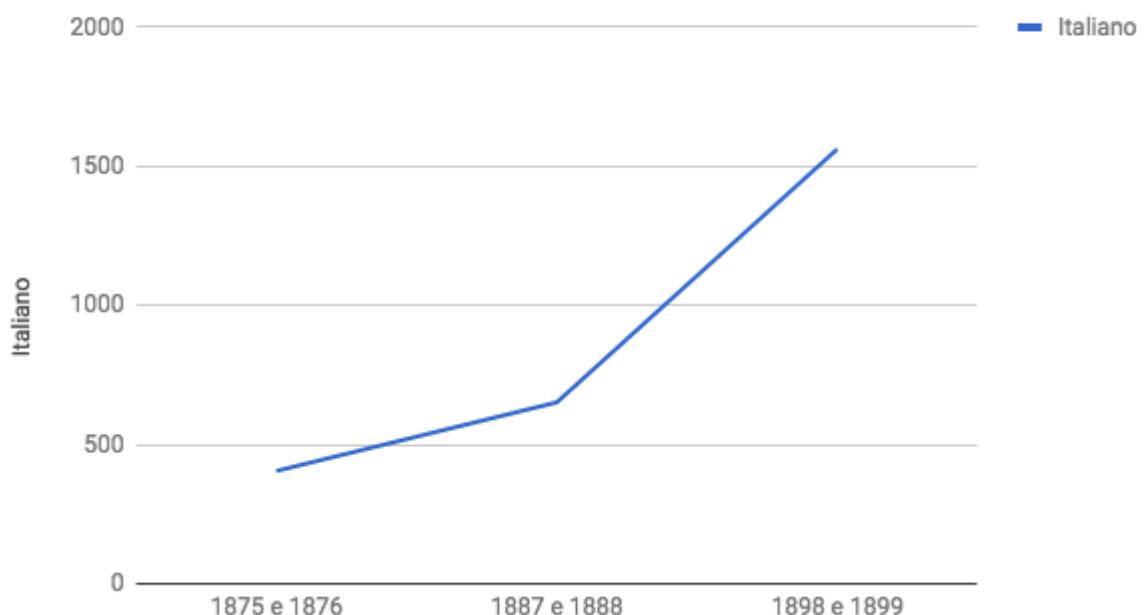
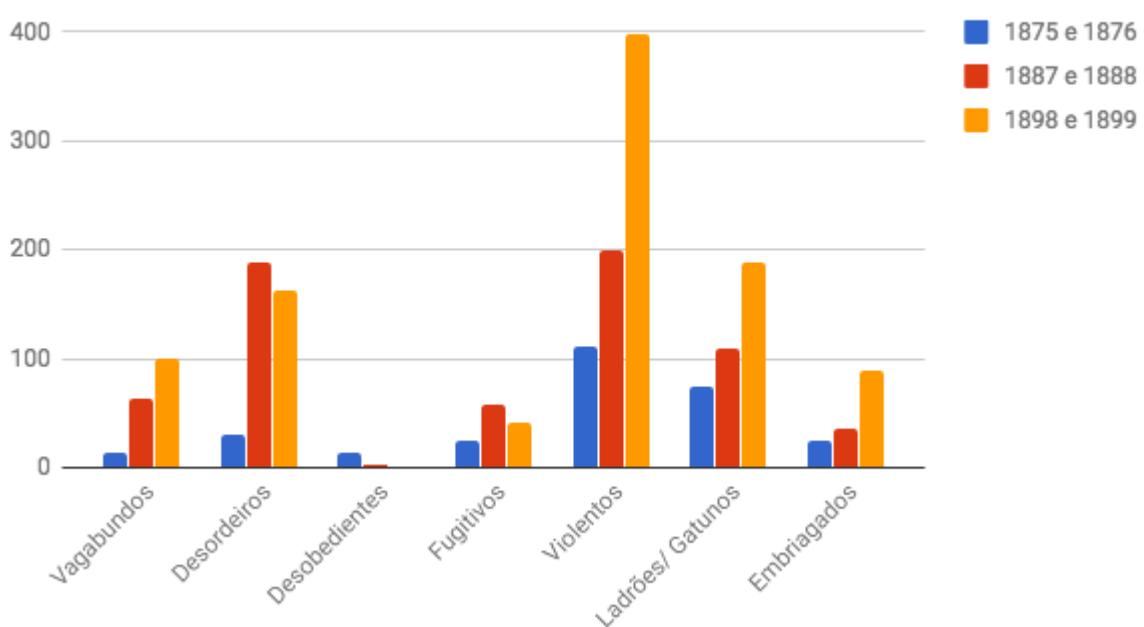


Gráfico 4

Incidência de termos por período



A seguir, os resultados obtidos a partir da abordagem qualitativa.

2.2 RESULTADO QUALITATIVO

Como colocado anteriormente, o negro no jornal será analisado a partir da obra “Retrato em Branco e negro – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX”, de Lilia Moritz Schwarcz. Nesta obra, a autora expõe os preconceitos, as ideologias e ideias presentes nos jornais paulistanos do final do século XIX.

O livro é dividido em duas partes: na primeira, contextualiza a questão da escravidão no Brasil e, principalmente, em São Paulo, mostrando as tensões entre os grupos pró e contra abolição e o surgimento de um grupo de aristocratas beneficiados pelo sucesso da produção de café. Ainda na primeira parte, Schwarcz traça um breve histórico da imprensa paulistana que surge para dar voz a esta nova aristocracia, como o caso do jornal *A Província de São Paulo/ O Estado de S. Paulo*, e aborda também a visão do jornal “*A Redempção*” publicado pelo grupo de rebeldes abolicionistas liderados por Antônio Bento e que tem posicionamento oposto aos republicanos.

Na segunda parte o livro traz as representações do negro nestes jornais de acordo com as seções do periódico. A partir destas representações foram escolhidos os termos mais recorrentes para posterior pesquisa destes mesmos termos associados ao italiano. A seguir, foram destacados alguns textos para fim demonstrativo e comparativo.

2.3 TERMOS PESQUISADOS

2.3.1 Vagabundos

- Negros:

Na Consolação foi presa a preta Eufrásia Maria Joaquina por **vagabundagem**.

(Província de São Paulo, 30 de janeiro de 1886)

Os capoeiras

Fizeram mais uma vítima na corte os terríveis capoeiras. . . é necessário **extirpar essa cáfila de vagabundos e assassinos** denominados capoeiras.

(Província de São Paulo, 23 de maio de 1888)

- Italianos:

Circular.— O dr. Chefe de polícia em circulo de ontem, recomendou aos subdelegados a adoção de medidas tendentes a **reprimir a vadiação e vagabundagem** que se ocultam nos cortiços, devendo aquelas autoridades visitar os cortiços dos respectivos distritos 2 vezes por semana.
 (Província de São Paulo, 16 de fevereiro de 1888)

Em matéria de colonização andamos em um círculo vicioso: a colonização é impossível porque os lavradores não compreendem os seus resultados, não sabem oferecer aos imigrantes as vantagens ambicionadas, e ao mesmo tempo a colonização é impossível **porque os imigrantes não prestam**, não são agricultores não se sujeitam aos contratos em uso no país e mais convenientes segundo o sistema seguido.

Tudo isso é verdadeiro; entretanto como sair de tais dificuldades?

Lentamente, pela educação do povo, pelos resultados das experiências por mais dolorosas que elas sejam.

Trata-se de assunto altamente prático. Não são, pois, as teorias dos nossos políticos retóricos que hão de convencer aos lavradores brasileiros de muita coisa que é verdade e que eles fatalmente tem de aceitar.

O que é fora de dúvida, porém, é que não salvaremos os estabelecimentos agrícolas atuais com essas e outras medidas que costumam ser apregoadas pelo governo imperial e os seus delegados.

Ofereçam embora grandes lucros ás companhias introdutoras de imigrantes; comprem fazendas arruinadas e façam destes, ao chegar, proprietários; gastem dinheiro ás mãos cheias para atrair os imigrantes; mas creiam que tudo isso não salvará as grandes fazendas no presente do depreciação por falta de braços.
 (A Província de São Paulo, 16 de agosto de 1876)

2.3.2 Desordeiros

- Negros:

Informou-nos a redação da mesma folha que nas tabernas próximas á estação de Valinhos reunia-se por vezes, grande número de **escravos que praticavam desordem**. Diz o informante que supõe haver em tais reuniões fins menos lícitos”.

(Correio Paulistano, 16 de outubro de 1875)

Estava a preta Jesuína a dizer ‘palavradas’ na rua quando o Sr. Antônio da Silva Coelho tentando coíbi-la a bons modos, incorreu no desagrado de um

patrônio de Jesuína e foi preso. **Jesuína é mulher de maus costumes e tem sido presa por muitas vezes por ofensa à moral.** É bom informar-se quem não conhece aquela ‘SENHORA’. (Correio Paulistano, 27 de setembro de 1887)

- Italianos:

Desordem Anteontem, das 8 para as 9 horas da noite, um italiano que estava junto ao chafariz do largo do Rosário, queria ser preferido a tirar água, afastando outras pessoas que já ali se achavam antes dele.

Não tendo conseguido o seu intento, **prorrompeu em insultos à autoridade, proferindo palavras indecorosas e fazendo algazarra.** Advertido pela sentinela e outras pessoas da inconveniência do seu procedimento, argumentou de insolência e, sendo-lhe dada a ordem de prisão, resistiu, de modo que a prisão só se tornou efetiva após a intervenção de uma força de linha de vários cidadãos; porque muitos outros italianos correram em auxílio do patrício e opunham-se a que a prisão fosse efetuada.

Tendo havido luta, da qual o italiano saiu levemente ferido, o subdelegado do respectivo distrito, depois de ter tomado conhecimento do facto, ordenou a soltura do turbulentão.

Procedeu-se a corpo de delito.

(A Província de São Paulo, 11 de janeiro de 1888)

Belém de Jundiaí – Escrevem-nos dessa localidade:

É necessário que a polícia **empregue toda a vigilância, para manter o sossego público perturbado por alguns estrangeiros que ultimamente têm invadido esta cidade.**

Em uma destas noites passadas **reuniram-se os tais turbulentos em um cortiço à rua de Palha, donde partiam altas vozes, injúrias e ameaças.**

A câmara municipal resolveu mandar concertar as ruas desta cidade, é pena que nesta fase de melhoramentos, não enxergue um pântano, formado pelas águas pluviais, à margem do ribeirão, e que é foco de exalações mefíticas. Com muito pouco, abrindo-se um esgoto para o ribeirão, ficaria remedando o mal.

(A Província de São Paulo, 14 de maio 1876)

2.3.3 Desobedientes

- Negros:

Na estação Santa Efigênia **foi recolhido** o preto Esteves escravo de Manoel Cunha **por desobediente.**

(Província de São Paulo, 30 de janeiro de 1886)

Mais um assassinato (. . .) deu-se ontem às 10 horas da manhã uma cena de sangue em que foi vítima um pai de família maior de 60 anos. Entre alguns escravos tinha ele um moleque de nome Manoel, **de má índole, desobediente e inimigo do trabalho.** Tendo Manoel há dias saído de casa de seu senhor, a polícia prendeu-o e mandou avisar a Manoel de Mattos que o soltou. Formou ele logo o plano de assassinar seu senhor de efetivamente matou-o a facetas. . .

(Correio Paulistano, 4 de dezembro de 1878)

- Italianos:

Rio Claro, 10 de Março

O Diário do Rio Claro noticiou há dias que um grupo de colonos foi visto ao desamparo, sem pão e sem abrigo, numa estação da Companhia Rio Claro.

A pessoa que trouxe esses pobres italianos segundo o referido Diário não os mandou buscar à estação tendo eles quebrado a cabeça e gasto os músculos das pernas em ver se atinavam o caminho.

Diversos jornais da província reproduziram a importante nova, que vai correr mundo, ajuntando-se a tantas que por aí se têm espalhado com grande prejuízo para a lavoura.

Tenho o prazer de afirmar que foi perfeitamente inexato o jornal que, provavelmente por irreflexão, deu circulação a uma notícia inconveniente, que só deveria ser dada depois de seriamente averiguada.

Eis o que há de real:

Os drs. Cândido de Andrade e Antônio Ribeiro dos Santos haviam tratado 12 famílias de colonos para as suas fazendas.

No dia marcado foram empregados desses senhores á estação do Cuscuzeiro esperar os imigrantes que iam ser recebidos de braços abertos pelos seus novos patrões.

Lá chegados trataram os condutores de levar os colonos todos e a sua bagagem deles, porém os italianos emburraram em não ir, porque, diziam o caminho da fazenda era péssimo, o que aliás não é exato porque nele transitam carros de boi e troles.

Voltaram de motu próprio á estação, onde a sua teimosia os fez ficar uma noite.

Sabe lá o dr. Cândido que os seus colonos negavam-se peremptoriamente a ir para a sua fazenda, foi em pessoa á estação, onde tentou debalde os convencer do erro que cometiam.

Como os homens, –os homens e as mulheres, principalmente as mulheres – continuassem a emperrar, o dr. Cândido – o fulano Cândido, como lhe chamavam – mandou vir uma grande porção de mantimentos, para que os seus rebeldes empregados não sofressem fome.

Por não comeram!

Vê-se que eles estavam «cheios de fome», como disse o Diário é porque estavam vazios de apetite.

Agora imaginem a maldade desses homens que deixaram tiritantes de frio e com o estômago grudado na espinha a esses infelizes tiroleses.

Quem pagou a passagem na estrada de ferro, do Cuscuzeiro ao Visconde do Rio Claro aos colonos, que hoje estão perfeitamente empregados na importante fazenda do sr. Paulino Carlos de Arruda Botelho, foi o dr. Antonio Ribeiro dos Santos.

Eis o que é exato, real e verdadeiro, que me foi contado por mais de uma pessoa que presenciou o facto e confirmado pelos próprios colonos em questão, sendo que nada ouvi dos drs. Candido e Ribeiro, parte suspeita, cavalheiros que não conheço nem de vista.

(A Província de São Paulo, 13 de março de 1887)

Na noite de 14 do corrente, encontrando-se o sargento do destacamento desta cidade com o italiano Roco Floriano de Nicola na rua de S. Carlos, e pretendendo revistá-lo para verificar se trazia armas defesas, travou-se um conflito que podia ter sido de funestas consequências.

O italiano não querendo sujeitar-se ao exame puxou de um punhal, e como visse que o sargento desembainhar a espada para defender-se, lançou mão de um revolver que também trazia e com ele disparou um tiro sobre o sargento, ferindo-o levemente no peito, e outro sobre um guarda, que felizmente não ficou ofendido.

O ofensor foi preso e no mesmo ato, e a notoriedade procede às diligências legais para a formação da culpa

(A Província de São Paulo, 17 de fevereiro de 1875)

Companhia Inglesa

No dia 15 do corrente, na estação de Jundiaí, trinta colonos não puderam seguir viagem, porque não havia mais vagões disponíveis, nem de primeira, nem de segunda classe!!!

Alguém lembrou que **os imigrantes podiam ir em vagões de carga mas os colonos recusaram-se.**

(A Província de São Paulo, 18 de fevereiro de 1888)

2.3.4 Fugitivos

- Negros:

O abaixo assinado declara que há quatro meses mais ou menos lhe **fugiu** de Mogy das Cruzes **o seu escravo** Caetano, mulato quase branco, **há 12 dias lhe fugia outro** de nome Francisco, mulato preto de 16 anos de idade, um outro preto de 27 anos e querendo libertá-los, vem por meio da imprensa pedir aos senhores abolicionistas ou aos seus chefes que não põe dúvida em aceitar qualquer indenização, seja de justiça a fim de mostrar que não é o que dizem.

(Correio Paulistano, 24 de março de 1887)

Foram **recolhidos a cadeia por suspeita de ser escravo fugido** o escravo Manoel Archanjo, sendo posto a disposição do conselheiro delegado de polícia para averiguar sobre a condição do mesmo preto. O menor Cyrino

escravo de Basílio de tal por andar na rua depois do toque de recolher, e o preto José Moura por **suspeita de ser escravo fugido.**

(Correio Paulistano, 18 de fevereiro de 1874)

Fugiu do sítio de Antonio Carlos Ferraz Sales, no dia 25 de maio, um escravo de nome José, de altura regular, barbado, olhos grandes vivos, muito prosa e humilde e muito bêbado, tem muitos sinais pelo corpo, creio de castigos antigos, é de corpo regular e tem seus pés arcados para dentro.

.."

(Correio Paulistano, 22 de junho de 1887 – Campinas)

- Italianos:

Prisão – Por ordem do chefe de polícia da corte foi preso a bordo do Rivadavia, o súdito italiano Domingos Tornara, **sob o falso nome de Jean Masson, e dizendo-se francês. pretendia seguir para a Europa,** tendo vindo de Buenos-Ayres.

Em virtude de requisição do ministro argentino efetuou-se essa diligência, e porque tornara acha-se indiciado como autor do crime de roubo de joias.

(A Província de São Paulo, 15 de outubro de 1888)

A Gazeta de Piracicaba em seu numero de 22 do corrente, noticia a chegada aquela cidade de 24 colonos italianos, idos de Dois Córregos, da fazenda dos srs. Cruz & Irmão, dizendo que ali chegaram eles a pé carregando malas às costas, sem dinheiro para transporte, e o que é mais grave ainda – que **iam fugidos devido ao mau trato que na fazenda dos srs. Cruz & Irmão se dispensa aos colonos.**

Ora, este fato que em si é por demais grave pelas funestas consequências que podem trazer para a lavoura de nosso município em particular, e da nossa província em geral, maxime na atualidade em que o governo italiano procura impedir a corrente imigratória para S. Paulo, necessita ser contestado, ou ao menos melhor esclarecido de modo a se fazer a luz sobre as razões que motivaram a fuga de tais colonos, nas condições narradas pela Gazeta de Piracicaba, e, estamos certos, os srs. Cruz & Irmão não se farão esperar.

Quem conhece de perto o estabelecimento agrícola dos srs. Cruz & Irmão cuja administração se acha hoje a cargo do sócio sr. Francisco de Paula Cruz, cavalheiro franco, delicado e que tem o seu tirocínio feito na lavoura, não pode de primeira impressão admitir semelhante disposição.

Forçosamente circunstâncias muitos especiais motivaram a retirada dos colonos da maneira como narra a Gazeta de Piracicaba, porquanto não ha muitos dias tivemos ocasião de pessoalmente verificar o estado satisfatório em que se achavam as famílias de imigrantes da fazenda dos srs. Cruz & Irmão.

Quem ler as acusações que se têm levantado contra a hospedaria de imigrantes em S. Paulo, acusações falsas e sem fundamento, além de outras do mesmo gás, facilmente compreenderá que no nosso país muito levianamente se costuma emprestar cores negras a um assunto pelo qual todos nós deveríamos tomar o mais vivo interesse.

Não me consta, desde então até hoje que haja aparecido mais referência sobre o fato. Ele ficou, pois, perfeitamente explicado no meu procedimento nada houve que me tornasse merecedor de censura da imprensa ou de quem quer que seja. Continuo com 16 famílias italianas e estamos contentes e nos entendemos perfeitamente.

(A Província de São Paulo, 27 de outubro de 1887)

2.3.5 Violentos

- Negros:

Feitor Assassinado

Ao amanhecer do dia 11 **foi morto** na fazenda da Cachoeira nas imediações da estrada da Rocinha o feitor da mesma fazenda por seis escravos que se evadiram. **O infeliz feitor** servia apenas há 12 dias na fazenda.

(Província de São Paulo, 15 de novembro 1881)

Mais um assassinato acaba de dar-se na fazenda de Morro Grande pertencente ao nosso amigo o Sr. Segisberto Motta Paes (...) Os escravos a foiçada e de traição cruelmente assassinaram-no e vieram a cidade apresentar-se na cadeia confirmando o seu nefasto crime com o maior cinismo e no meio de risadas contaram o facto em seus pormenores.

(Província de São Paulo, 12 de julho de 1879)

Um carrasco

Lê-se no monitor sul mineiro: há nessa província uma criatura encarcerada desde 1843 (44 anos) pelo assassinato perpetrado na pessoa de sua senhora e que só deixa as trevas do cárcere para mostrar-se na sombra do patíbulo. Chama-se Fortunato **o algoz cuja vida resume tudo o que de mais torvo e miserável se pode imaginar na sociedade**. Nascido escravo hauriu nessa triste condição, os vícios, os infortúnios que a acompanham: **embriaguez, ingratidão, ignorância, corrupção precoce. Tão danosa semente não podia deixar de produzir os frutos da maldição**. Assim aconteceu: **Fortunato assassinou sua senhora** e condenado a morte, e salva sua cabeça da forca, sujeitando-se ao ofício de algoz que tem exercido. Do cativo passou para a tarefa de carrasco. Sempre a escravidão com seus horrores cuja natureza embrutecida nada que assemelhe ao homem, nem a inteligência, nem a sensibilidade. . . Fortunato como algoz público realizou 8 execuções. . .

(Província de São Paulo, 15 de agosto de 1887)

- Italianos:

Na madrugada de domingo, às 5 horas, estavam dois indivíduos lavando-se no chafariz do largo de Carlos Gomes.

Passando dois italianos, pararam perto do mercado e de lá **sem mais nem menos deram 5 tiros, tomindo para alvo da sua pontaria os dois banhistas**, não acertando tiro algum.

(Província de São Paulo, 6 de junho de 1887)

Barbaridade

Consta-nos que ontem à noite **foi preso um italiano** que anda pelas ruas a vender balões de borracha, **por ter espancado** desde a tarde, um hotel do largo da Sé, **a uma mendiga sem um braço**, que esmolava ultimamente nesta capital.

(A Província de São Paulo, 10 de março de 1876)

Eram 10 horas e três quartos da noite, quando um pequeno grupo de moços brasileiros, ao passar pela rua de S. Caetano, avistou uma mulher que entusiasticamente erguia vivas ao Brasil.

O grupo aproximou-se da manifestante, que os quis abraçar e reconheceu ser ela italiana.

Quando a mulher abraçou o primeiro dos rapazes, que se chama José Xavier Pinheiro, este caiu repentinamente, com geral espanto dos seus companheiros.

Verificaram então que estavam tratando com um homem disfarçado e bastante robusto.

O italiano (o disfarçado) **três vezes vibrou ainda o seu punhal** ferindo gravemente a Odorico Americo Leite e levemente a João Aristides, que pôde defender-se e descarregou uma formidável cacetada sobre o italiano que, deixando as salas fugiu pelo pontilhão da rua de S. Caetano, com destino ao Braz.

Teve então começo um sério conflito entre numerosos grupos de italianos que agrediram aos moradores nacionais daquela rua.

(A Província de São Paulo, 24 de agosto de 1898)

2.3.6 Ladrões/ gatunos

- Negros:

Por haver cometido um roubo em Casa Branca foi capturado Dalmácio Ferraz de Oliveira de cor preta e intitulando-se dentista. Em poder do dentista foram encontrados: um par de brincos, um broche de ouro, uma concha de prata e diversas roupas finas marcadas com iniciais B.O.”.

(Correio Paulistano, 24 de março de 1886)

Um cativo homem de bem

(Casa Branca). Contam-nos que há dias um escravo do senhor Martinho Prado, cujo nome não sabemos, foi mandado a São Paulo em serviço da fazenda (. . .) Chegando nesta cidade entregou intacto o dinheiro do negociante. **É de admirar como se entregou 20 e tantos contos a um escravo! Não pode este cativo fugir?** Não pode o sr. Martinho Prado ficar sem o ‘escravo modelo’? (. . .) **Deixarei ao público que faça o seu juízo quanto a honradez do escravo e falta de senso de quem entregou o dinheiro ao escravo.**

(Correio Paulistano, 14 de abril de 1880)

- Italianos:

Gatuno audaz

O gatuno Miguel Dulsias, **italiano**, passando por uma senhora possuidora de **um lindo anel agarrou-lhe a mão e tentou arrancá-lo à força**.

Acodiu a polícia e Dulsias foi preso.

(A Província de São Paulo, 22 de abril de 1887)

Ontem, às 8 horas da noite **foram apreendidas duas menores italianas**, à rua Vinte e Cinco de Março, diversas peças de roupa nova para crianças, as quais estão na repartição central da polícia, á disposição do seu dono.

(O Estado de São Paulo, 25 de maio de 1899)

O ativo e zeloso delegado de polícia Major João Osorio, tendo denúncia de que na vizinha estação Cascavel, existe uma fábrica de notas falsas, para

ali partiu no dia 17 do corrente, efetuando a prisão dos **italianos** Francisco Russo, Antonio Esposito, Sofia Verdini e Santo Constancia, **conhecidos gatunos e passadores de notas falsas**; foram imediatamente remetidos para essa capital.

(O Estado de São Paulo, 25 de outubro de 1899)

O major Ferreira Novaes, 2.^º subdelegado da 4.^a circunscrição, procedeu anteontem a rigorosa busca num cortiço da rua Major Diogo, no Bexiga, e **apreeendeu grande quantidade de objetos furtados**, que foram levados para o posto policial da rua Major Quedinho.

(O Estado de São Paulo, 30 de outubro de 1898)

2.3.7 Embriagados

- Negros:

Ontem à tarde os moradores da rua Conselheiro Furtado foram testemunhas do modo brutal porque se fazem as missões nessa capital. **Uma mulher preta em completo estado de embriaguez** foi conduzida à estação de lava-pés, arrastada e ferida. . .

(Província de São Paulo, 22 de julho de 1887)

- Italianos:

Parte policial.– Da secretaria da polícia comunicam-nos as ocorrências do dia 16:

À ordem do subdelegado do Sul, tinha-se recolhido ao xadrez, por ébrio, Augusto da Silva Sá.

À ordem do subdelegado do Norte tinha-se recolhido ao xadrez, por ébrio, Antonio Pereira da Silva Caldas.

Pelas 9 horas da noite ouviu-se repetidos sinais de apitos, na rua da assembléia, imediatamente a aglomeração de povo no lugar.

Comparecera o comandante de urbanos, os guardas ns. 119 do posto da rua Príncipe, 115 da rua da esperança, e 52 da rua da Glória, que encontrando ao lado de fora da casa n.^º 23, um menor italiano, com um grande ferimento na cabeça e dizia que os ofensores achavam-se dentro, obtendo permissão do dono da referida casa também italiano para entrar, assim o fez, encontrando mais um italiano do mesmo modo ferido na cabeça, e sendo difícil saber como se tinha dado aquele fato, pois que havia dentro **mais de vinte italianos** e todos por sua vez queriam explicar, alegando que fossem eles autores. Foram conduzidos à Estação Central José Bianco e Braz de Lucas feridos, e mais Salvador Laconte. Paschoal Bianco, Antonio de Lucas, Juan Peppe, Domingos Stabelit, que depois de serem examinados e curados pelo Dr. Marco Barbosa, o dr delegado ouvindo cada um por sua vez, **declararam que estavam muito embriagados** o que é resultado de uma festa de N.S. do Carmo, e que todos eram parentes e não sabiam quem tinha dado aquelas bordoadas. Pagaram o curativo o medico e foram em paz.

(A Província de São Paulo, 19 de julho de 1887)

Na madrugada de ontem Tonelli Casimiro, Babino Miguel, Tredente Donato e a mulher deste, Angelina Tredente, **todos de nacionalidade italiana, vinham bastante embriagados e em grande algazarra** pela rua do Gasômetro, em direção ao largo do Brás, quando, ao se encontrarem com a patrulha, de ronda nas proximidades, foram intimados por ela a se entregarem à prisão.

Os dois primeiros submeteram-se imediatamente à ordem; Donato, porém, exasperando-se, arremeteu contra os guardas e os agentes de segurança, distribuindo guarda-chuvadas por todos os lados.

Nesse interim apareceu o dr. Agenor Azevedo, delegado da 5^a circunscrição, acompanhado do sr. Cantidiano de Souza, 1º subdelegado da mesma circunscrição, o qual, com grande dificuldade, conseguiu afinal efetuar a prisão de Donato, que foi carregado pelas praças até ao posto policial da rua do Gasômetro.

Da luta saíram levemente feridos, além de Donato, sua mulher, as praças Luiz Gonçalves da Silva, ordenança do dr. Agenor de Azevedo, e José Ribeiro Salles, Ordenança do 1º sub-delegado, e alguns agentes de segurança.

O dr. Agenor de Azevedo deve remeter hoje ao dr. chefe de polícia o inquérito a que procedeu sobre o ocorrido.

(A Província de São Paulo, 21 de outubro de 1899)

No domingo ás 11 1/2 horas da noite, uma patrulha do corpo policial permanente, encontrando **um pobre italiano em completo estado de embriaguez**, na rua de S. Bento, prendeu-o, e como ele, ajudado pelo álcool, tentasse resistir, **os guardas da tranquilidade pública puxaram dos seus sabres e esbordoaram barbaramente o infeliz ébrio**.

Uma pessoa que passava na ocasião fazendo-lhes ver que não podiam espancar o homem, obteve como resposta: – Tanto podemos que fazemos.

(A Província de São Paulo, 25 de julho de 1876)

2.4 ANÚNCIOS

Muita atenção

É pechincha

Vende-se no município da Limeira, província de S. Paulo, distante da cidade um quarto de léguas, uma chácara com grande plantação de cafezais, todos de 10 anos para baixo, com os frutos pendentes para a colheita futura, calculados em três mil arrobas, boas terras, com terrenos para aumento de nova plantação, tudo livre de geada, boa casa de morada, carretão para beneficiar o café, pastos cercados, com bonita vista para a cidade. Também **se vende um casal de escravos novos e traspassa-se o contrato de 4 famílias de colonos**. Quem a pretender dirija-se ao proprietário abaixo assinado, na mesma chácara.

Joaquim Barbora Guimarães

(A Província de São Paulo, 01 de dezembro de 1875)

Cruz & C.

Comunicam aos srs. fazendeiros desta província que **encarregam-se de arranjar colonos pretos e brancos e remeter para o interior**. Na mesma casa há grande quantidade de cimento, telhas nacionais e francesas, tijolos, ladrilhos nacionais e franceses, cal de Santos, de Sorocaba e do Pontojo, ripas de palmito, vigamente, taboas de peroba etc

(A Província de São Paulo, 14 de abril de 1888)

Um italiano, casado, jardineiro e hortelão, deseja achar emprego nesta cidade ou fora dela, e pode ser procurado na rua Direita n. 35, sapataria.

A mulher do anunciante também se oferece para ama.

(A Província de São Paulo, 20 de novembro de 1876)

Sítio à venda

Vende-se um sítio, pertencente ao município de Botucatu, inteiramente livre de geada, contendo cerca de 120 alqueires de superiores terras rochas, grande parte destas ainda em mata virgem e em sua totalidade própria para plantação de café para este ano, calculada em 2 mil arrobas; casa regular de morada; dita grande onde está assentada uma máquina de n. 7 Liderwood, nova e perfeitamente assentada, movida por um vapor de força de 8 cavalos, também novo cuja casa conta 110 palmos de comprimento e

55 de fundo, com grande cômodo para tulha; dita com moinho para fubá; bom paoi e senzalas, todas cobertas de telhas; terreiro grande parte atijolado; tanque para lavagem de café, agua movida por bomba; oito ou dez alqueires de pastos fechados, roças e feijoal muito bons; carros, carroças, bois de carro, porcos em ceva e de criar.

Também tem no mesmo sítio 11 escravos, aos quais acompanham 4 ou 5 ingênuos, que já prestam serviços. Além dos escravos existem empregados no mesmo sítio diversos colonos muito bons, que se transmitirá o direito que temos de seus serviços.

Dista atualmente este sítio da cidade de Botucatu 4 lagoas, podendo ficar em 3, mudando-se o caminho, como pretendemos mudá-lo. Quem o pretender, dirija-se aos abaixo assignados, proprietários do mesmo, nesta cidade.

Piracicaba, 20 de Abril de 1887.

José Emygdio da Silva Novaes.

Claudino de Almeida Cesar.

(A Província de São Paulo, 22 de abril de 1887)

2.5 SOBRE SENZALAS E CORTIÇOS

- Negros:

Informam-nos os moradores que **vários escravos fugidos e pessoas livres tomam parte em assaltos e muitos roubos** que ali se tem dado (...) Esperamos providências. Anima-se a insurreição, tenta-se ridicularizar os agentes da administração e depois censura-se o mesmo governo. **OS QUILOMBOLAS isto é os escravos que estão devastando as fazendas.. .**

(Correio Paulistano, 5 de dezembro de 1886)

Consta que se acham nas proximidades desta cidade 30 a 40 escravos fugidos que pretendem atacar a cadeia da mesma cidade, para d'ela arrancarem seus companheiros ali detidos.

A estrada que conduz d'aquela cidade a Campinas, por ninguém hoje é transitada, **tal o receio que todos têm de um ataque por parte dos quilombolas.**

Este estado de cousas não pode continuar. Chamamos para ele a atenção do sr. delegado de polícia de Jundiaí que tome as providências tendentes a restabelecer a segurança em todo o município.

(A Província de São Paulo, 30 de janeiro de 1887)

Sabemos que existe um quilombo na mata virgem que há entre os rios Jaguari e Atibaia. Atualmente residem lá 6 quilombolas. Naqueles lugares moram alguns trabalhadores que vivem em constante sobressalto naquela mata (...) **Os quilombolas continuam a praticar proezas. Não há fazendeiro dali que esteja tranquilo depois que aqueles negros deram grigados nas fazendas se convertendo em malta de ladrões.** Os fazendeiros estão muito apreensivos tendo a maior vigilância (...) Anteontem logo que aconteceu desapareceram um pajem, um feitor e 3 escravos que supõe-se terem sido aliciados pelos quilombolas. Não houve cousa alguma que motivasse isso...

(A Província de São Paulo, 10 de outubro de 1875)

Anteontem à tarde, na estrada que leva à fazenda denominada – Monjolinho, **foi assaltado e roubado um indivíduo por alguns pretos; dizem-nos que os tais fazem parte de um quilombo existente nesses lugares.**

(A Província de São Paulo, 21 de agosto de 1886)

Explicar o que seja essa cadeia que aqui temos é inútil, quando é bem conhecida a **senzala do largo do Rosário**, que outro nome não pode ter

por certo esses dois quartinhos estreitos e infectos onde se recolhem todos os nossos presos sem distinção, e sim são conservados por dias e dias muitas vezes em grande numero.

Infelizmente, **essa senzala há 20 anos que, no meio de um dos nossos principais largos se mostra ao viajante como uma prova de nossa decadência e atraso**, sem que tenha-se podido acabar com semelhante espelunca imprópria para cadeia de qualquer lugar por mais atrasado que esteja, quando mais para uma cidade como esta, cabeça de comarca.

(A Província de São Paulo, 21 de dezembro de 1876)

- Italianos:

É sabido que a **febre amarela ataca de preferência a gente pobre, que não tem nem sombra de higiene**, que vive aglomerada nas estalagens ou nos cortiços, **que não se lava, não se alimenta bem, e anda sempre exposta ao sol ardentíssimo** que nos persegue e nos queima. Para o terror público **vinte casos fatais nessa gente influem menos do que um em pessoa conhecida, de posição na sociedade**, cuja perda seja sentimentalmente chorada nas locais tarjadas das folhas diárias.

(A Província de São Paulo, 1 de fevereiro de 1888)

Os homens saíam para o trabalho depois de tomarem café, e, com a consciência alheia a tudo que os cercava, dirigiam-se para as fabricas, para as oficinas ou para outros lugares. Naquela área, que se chama **Cidade Nova**, onde as ruas cortam-se, as casas aconchegam-se, é que mora, pela maior parte, o operário; **vivem naquela condição beata e feliz do justo!** . . roubados pelo fornecedor, atrasados no salário e doentes. Sorriem para os filhinhos com o riso triste dos que sofrem, olham para as mulheres com os olhos cheios de sono e as articulações doendo-lhes de cansaço.

Mas a família cria-se e cresce. Os meninos tornam-se rapazes, vão para serventes de pedreiro, vão para as oficinas de marceneiro, etc.; espalham-se, e longe de casa, n'uma salmoura de vícios, salgam-se e apuram-se.

As meninas crescem com as imaginações atribuladas pelos fogos de artifício, e pelas procissões; engomam durante a noite, enquanto que durante o dia ensaboam a roupa destendendo a musculatura dos braços. Cansam-se, e quando deitam-se acompanha-lhes um sonho até pela manhã; uma preguiça prende-lhes os membros, os músculos destendem-se sem energia e as juntas parecem que se desarticulam. Chamam-na: é o pai que quer o café, e então salta da cama, esfrega os olhos, cospe a saliva pastosa que lhe enche a boca, passa o vestido, abotoa mal o corpinho e vai fazer o fogo.

Ouvem-se vozes dos vizinhos, a criação cacarejar, presa na cozinha e empoleirada nas panelas; uma criança chora sentada sobre a cama e sente-se um cheiro de papel queimado dos fogos que se acendem.

Durante o dia canta-se muito, as mulheres falam com a voz dos gansos que groram, **trabalham como bestas de carga** e de quando em vez interrompem-se para amamentar o filho, que suga-lhe no seio moreno com o ardor de uma sanguessuga.

Brigam, intrigam-se e **vivem n'uma promiscuidade** de amores; **comunicam-se como os animais em um parque**, tem afeições intensas, sentimentais, que as arrastam aos extremos. É interessante contemplar por momentos aquela sociedade; contempla-la de perto, no campo do microscópio, observar-lhe debaixo do objetivo os movimentos e as paixões imperceptíveis, aferir depois ao grau d'aquela vida material o que lhes pode restar para a outra espera de ação. Aquelas crianças que não se podem aprumar pela deformação das vertebras, e as mulheres com a cor de palha das cachexias entram como tristes comparsas na vida social, e que **dançam ao redor da deusa miséria que lhes sorri reclinada no edredom macio da imundice**.

Em uma das portas logo pela manhã chegavam algumas mulheres, indagavam de outras que sabiam:

—Como vai ele?

—Diz que passou mal.

—E o pai? Perguntava outra.

—Foi para o trabalho.

E lá dentro, logo na primeira alcova, com a porta cerrada, numa alcova sem luz, e sem ar, cheirando mal, uma rapariga tinha ao colo uma criança, que sacudia vagarosamente sobre os joelhos.

Chorava com a cabeça baixa; e como os olhos vidravam-se-lhe com as lágrimas, não podia ver a filha senão com a fisionomia tremula, limpava-os com as costas das mãos e fungava o nariz.

O marido era guarda freio na estrada de ferro; **ganhava uma miséria**, o resto era ela quem fazia lavando. Ele era forte, magro e quando à noite voltava molhado da chuva, preto de carvão, tomava alguma coisa e deitava-se assim mesmo. No seu ressonar **o bafo exalava o cheiro de aguardente**, a respiração subia áspera pela traqueia.

A mulher ali mesmo ao seu lado, à luz de um lampião de querosene, engomava. Depois veio uma filha, quis amamentá-la e não pôde, o leite secou no segundo mês e então comprava o leite deteriorado e aguado das vacas; custava-lhe muito, mas era um sacrifício que lhe fazia bem.

Ao quarto mês a filhinha adoeceu, veio-lhe a dentição: estava fraca, **pressentia-se nela a herança dos vícios**; os músculos mirravam-se como as substâncias lenhosas dos galhos dos arbustos, a pele encasquilhava-se-lhe como um pergaminho, os cantos da boca franziam-lhe como uma boca de velha; o cabelo liso, fino e faltado, empastava-se-lhe numa capa grossa e negra.

A princípio foram os conselhos da vizinhança, as tisanas, os cozimentos que ensinaram á mãe o que servia para remédio; depois foram um dia a um médico, não pagaram, e quando saíram da consulta o pai olhou bestialmente para a receita, revirou-a e passando a mão pelos bolsos, amarrotou o papel e veio com a filha no colo para casa. Foi justamente naquele dia que lhe deram convulsões, e ele assistiu, de pé, com os olhos arregalados, **com um ar de idiota ou de quem se acorda com um sono de embriagado**; em uma noite a vizinhança recolhida acordava-se egoísta e indiferente somente a mãe de um lado para outro procurava alguma coisa. Na manhã seguinte pela madrugada o rapaz saiu, foi para o serviço.

Então? Havia perdido um dia já, e depois lá não se quer saber se tem uma filha para morrer. **A consciência do proletário é o trabalho; afetos pelos filhos, pelas crianças e pela mulher, nada disso, que o coração desta gente não foi feito assim.** É preciso educá-los desse modo, criá-los na rua, obrigá-los a trabalhar para comerem, ou então apontar-lhes as penitenciárias.

Quando o trem ia passando pelos fundos do cortiço, o guarda freios, sentado em uma do vagão, lançou os seus olhos para aqueles lados, sentiu como que uma vertigem e ia cair, mas a máquina andava, o fumo vinha-lhes sobre o rosto, o carvão ardia-lhe nos olhos e entrava-lhes pelos brônquios. Durante toda a viagem procurava atordoar-se, **bebía com os companheiros** e como só devia voltar no dia seguinte, **bebeu muito**, as ideias embrulharam-lhe e esqueceu.

A filha morria; a mãe aflita passara a noite sozinha junto dela; uma lamparina acesa crepitava, a criança dava gritos revirando os olhos, encolhendo as pernas e os braços e entortando a boca; quando aquilo lhe passava ela fomentava-lhe o ventre com óleo e alfazema que lhe havia dado uma vizinha.

Na noite seguinte por fim ela expirou; a rapariga tinha-a nos braços e sentia-a aconchegada, porém parecia-lhe que alguma coisa escapava -lhe. Apertava a então cada vez mais, um suor frio caía-lhe pela testa, a garganta cerrada não podia dizer nada. Fora, as luzes das casas refletiam umas de

encontro ás outras, um violão no fundo do cortiço atinava-se, e tudo mais estava quieto.

Ouviu-se então o toque do sino que anunciava a locomotiva, era toque triste; e a máquina passou bufando cansada; as mulheres chegaram á porta e gritaram:

– É o trem! É o trem!

(A Província de São Paulo, 2 de abril de 1888)

Cortiço é que aquilo realmente é, ou, pelo menos, faz lembrar.

Ali efetivamente, folgam de reunir-se essas laboriosas abelhas, chamadas **operários, que incessantemente fabricam para outros um mel, de que apenas lhes deixam uns favos**, quase completamente despojados.

Menos felizes do que as abelhas, porém, os moradores da ilha não têm a ventura de conservar em seu poder, embora temporariamente, os frutos do seu labor. Aquelas, se pudessem prever a espoliação, talvez recusassem armazenar riquezas; estes, pelo contrario, **trabalham com a certeza de jamais virem a gozar o que fabricam**.

No que as duas espécies de cortiços se parecem, é no ódio aos zangões e no mesmo amor do mistério.

Se trajais de forma a merecer a classificação de casaca, entra numa ilha e verificareis o que vos digo.

As velhas fingem não vos ouvir as perguntas, para vos não responderem; os homens olham-vos com expressão desconfiada e pouco benévolas; as crianças, contemplam-vos assustadas e curiosas, como se fosses uma raridade; mulheres, homens e crianças têm todas no espirito a mesma ideia: «Que virá cá fazer este casaca!?

Mostrais-vos arrogante!?. . . Não vos dou dez réis pela pele!?. . .

Experimentais receio e não sabeis encobri-lo!?. . . Começa contra vós um tiroteio certeiro de epigramas, que, pouco a pouco, se transforma em assuada formal, a ponto de verdes a vossa dignidade comprometida por alguma cebola podre ou talo de couve, que vos corta a palavra.

E tudo isso porque dizem, ao ver-vos, sois: um casaca, que não vai lá para interesse deles.

Que lastima não terem ido por diante as empresas que, propondo-se edificar habitações para classes pobres, teriam por feliz resultado acabar com esses antros asquerosos, cujo numero aumenta todos os dias, destacando como outras tantas nodoas no meio da cidade!

Só assim se conseguiria pôr um dique á avidez desses especuladores, que exploram a pobreza, oferecendo-lhes **essas possilgas sem ar, sem luz, sem o espaço necessário**, edificadas de forma que o aluguel, por mais modico que seja, representa sempre um rendimento fabuloso do capital nelas empregado!

Nas noites abafadas do estio, **quem ousar aproximar-se do cortiço ha de notar o burbuorinho**, que lá vai, e, se olhar para dentro, verá os moradores sentados ás portas, resistindo ao cansaço e ao sono, porque os horroriza a ideia de terem de dormir debaixo daquelas telhas calcinadas pelo sol, entre aquelas paredes, onde falta o ar como dentro de um forno aquecido.

Que dramas ignorados se passam ali dentro!?. . .

Que paixões, ódios, invejas, esperanças, decepções e angustias fervem naqueles cadinhos, em que se apura a miséria!

Nos vos acerqueis, porém, demasiado, se quiserdes estudar aquele viver.

Se passardes e ouvirdes o ruído de uma luta, gritos de socorro, ameaças e preces, doma e o impulso do vosso coração, não prestais auxílio, imita e a impassibilidade dos vizinhos.

(A Província de São Paulo, 04 de janeiro de 1876)

Por haverem aparecido em Santos alguns casos de varíola, a câmara municipal mandou proceder á rigorosa **desinfecção de numerosos cortiços e estábulos**.

(A Província de São Paulo, 10 de novembro de 1888)

Demolição dos cortiços:

- a) avaliar os cortiços já condenados pela comissão provincial de socorros e outros que a câmara municipal, ouvido o seu medico, julgar conveniente demolir; **a indenização não atingirá a avultada quantia; os cortiços são de construção barata;**
 b) a demolição deve **ser feita à proporção que forem construídas** – Evoneas– (casas para operários); a câmara municipal deve tomar o encargo dessas construções dificultando assim a especulação prejudicial ás classes operarias e a higiene publica.
 c) Desde já lembramos os modelos adoptados, em habitações congêneres, nas cidades manufatureiras dos Estados Unidos.
- (A Província de São Paulo, 30 de maio de 1889)

2.6 OUTROS TEXTOS

A 24 do passado houve uma pequena festa na Nova Louzã, mas animadíssima como são sempre ali as reuniões.

A vizinhança concorreu á missa cantada que se celebrou naquele dia e depois tomou parte no jantar oferecido aos trabalhadores e em que divizou-se sempre a maior expansão de cordialidade e prazer, sendo a mesa presidida pelo sr. comendador Monte Negro e seu digno irmão rev. dr. José Daniel, sentando-se hospedes e empregados promiscuamente na comunicação gratíssima dos mais suaves sentimentos.

Os colonos em numero de cem, dia a dia vão se afeiçoando mais ao seu bondoso patrono, vendo coroar-se de felizes presságios aquela terra onde o suor fecundante do serviço livro está aljofrando as esperanças e a coragem para um futuro ridentíssimo.

(A Província de São Paulo, 6 de julho de 1875)

A emigração e as questões que a ela se prendem têm custado rios de tinta, na Itália. Raro é o dia em que não surge algum trabalho a respeito – livro, relatório, conferencia, ou simples artigo de imprensa. O sr. dr. G. B. Cecchi envia-nos de Lucca uma conferência que lá proferiu sobre o inesgotável tema. Nada diz de novo; entretanto, sempre diz alguma coisa. E, no que mais, diretamente nos toca, tem o mérito de não nos achar completamente selvagens e de não se referir a esta terra com o absoluto desdém dos entes superiores. . . S. s. acham apenas, que o Brasil e São Paulo não são positivamente pedaços de paraíso. Os paulistas habituados ao trabalho de escravo negro e persuadidos de que na Itália a morte por fome é epidêmica, acreditaram poder continuar a tratar os colonos italianos como trataram os escravos.

(A Província de São Paulo, 27 de junho 1899)

Limeira

Diz o Correio que, o proprietário da fazenda – Bom Retiro, a pretexto de reaver a quantia que despendeu com um corretor na capital no intuito de conseguir trabalhadores para o seu estabelecimento agrícola, está exercendo pressão sobre os mesmos trabalhadores, porque estes estão resolvidos a abandonar a sua fazenda e a não pagar semelhante dívida, que não passa de uma exploração torpe. Os pobres trabalhadores que pertencem á nacionalidade italiana, têm pago caro a sua justa resistência a semelhante prepotência, estando reclusas naquela fazenda algumas mulheres pertencentes ás famílias dos colonos revoltados. As atrocidades cometidas pelo aludido fazendeiro tem chegado ao ponto de negar alimentação aos colonos. Para aquela fazenda seguiram o escrivão da polícia e uma força de 8 praças.

(A Província de São Paulo, 13 de julho de 1888)

Ao público A província de São Paulo, de ontem, transcreveu do Diário de Campinas, uma notícia de ter sido preso um italiano de nome Angelo Spinelli por haver ferido a José Lamardo. O abaixo assinado declara que

Ihe não diz respeito semelhante notícia. S. Paulo, 26 de Agosto de 1878.
Angelo Spinelli

(A Província de São Paulo, 27 de agosto de 1876)

Continuam as queixas dos colonos. Ainda ontem vieram ao nosso escritório dois colonos, Bruno Glande e Naechelem Jean, estabelecidos no núcleo da Gloria, os quais queixam-se pelo fato de não receberem alimentos há mais de 15 dias. Estes colonos receberam o seu lote, fizeram as suas casas, lavraram as suas terras, mas ainda não puderam obter as sementes de que precisam, e que o decreto de 1867 manda fornece-lhes. Este e outros factos têm causado grande descontentamento entre os colonos, que estão abandonando os núcleos.

(A Província de São Paulo, 28 de junho de 1876)

Trago as sinceras e íntimas confidencias de um amigo, dando publicidade à carta infra; pela generosa linguagem desse cavalheiro ver-se-á quão rapidamente o sentimento da Liberdade penetrou em todos os espíritos, movendo ao mesmo tempo todos os corações. Gloria a nossa pátria, gloria a esta incomparável terra paulista, onde a escravidão se dissolve e se extingue ao ruído das festas jubilosas! « Oliveira, 25 de Dezembro de 1887. Meu amigo Quanto sinto não tê-lo aqui para presenciar a loucura, o frenesi e a alegria da escravatura – ao receber as cartas de liberdade – sem condição, sem peias e sem ônus algum. 42 rostos requeimados e aljofrados de lágrimas do coração! Nunca senti em minha vida tanta alegria, tanta satisfação como hoje. Esta fazenda de agora em diante deve chamar-se Paraíso. Tenho confiança que não sairá um só. Os 80 colonos italianos fraternizaram com os negros e numa valsa infernal ninguém distinguia na misturada: qual era qual! Rojões – música– vivas! hurras! enfim, um verdadeiro charivari! Recordando-me que toda essa alegria, toda essa felicidade promanava de meu coração, sentia e sinto que pratiquei uma ação que há de trazer felicidade e ventura aos meus filhos – de cujas mãos receberam um por um as cartas de liberdade. É tal o barulho que nem seu como posso escrever. . . Seu amigo

(A Província de São Paulo, 30 de dezembro de 1888)

É justamente o sistema inverso ao sistema oficial o que está sendo adotado na prospera e inteligente província de S. Paulo com o melhor êxito. Alguns fazendeiros mais adiantados e previdentes, antevendo a intensidade próxima da crise que já faz sentir a falta de braços, tem atraído ás suas plantações de café o imigrante europeu. Os resultados têm justificado plenamente essa louvável iniciativa. Fazendeiros e colonos estão satisfeitos e parece resolvido o duplo problema de salvar a lavoura e de fixar o europeu, o melhor colono, no nosso país.

(A Província de São Paulo, 3 de setembro de 1876)

3 CAPÍTULO III – O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DO IMIGRANTE ITALIANO NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO DO FINAL DO SÉCULO XIX

A comunicação jornalística está mais para a criação de uma realidade outra do que para a simples retratação da ‘realidade’ em si.

(Malena Segura Contrera. 2000, p.15)

Este terceiro e último capítulo discorre sobre a atuação da mídia na atribuição dos termos e características expostos nos textos do capítulo anterior à população italiana. Para tanto, contextualiza os conceitos de imagem e imaginário trazendo a reflexão sobre o imaginário do bandeirante e do progresso.

3.1 O PODER DO JORNAL (E DOS DONOS DO JORNAL)

A fim de explicitar como o jornal construiu a imagem do italiano recém-chegado em São Paulo faz-se necessário discorrer sobre o poder da imprensa. Para tanto, recorremos ao conceito de “campos de interação” de Pierre Bourdieu⁹, a partir de Thompson, conforme pode ser lido a seguir:

A vida social é feita por indivíduos que perseguem fins e objetivos os mais variados. Assim fazendo, eles sempre agem dentro de um conjunto de circunstâncias previamente dadas que proporcionam a diferentes indivíduos diferentes inclinações e oportunidades (...) Os indivíduos se situam em diferentes posições dentro destes campos, dependendo do tipo e da quantidade de recursos disponíveis para eles. (...)

A posição que um indivíduo ocupa dentro de um campo ou instituição é muito estreitamente ligada ao poder que ele ou ela possui.

(THOMPSON, 1998. p.37 - 38)

Sobre o poder, responsável pela posição do indivíduo em determinado campo de interação, o autor distingue quatro tipos principais: econômico, político, coercitivo e simbólico. O primeiro está relacionado à posse de bens que possam ser consumidos ou trocados no mercado, já o poder político advém da regulamentação e coordenação dos indivíduos e instituições. O poder coercitivo está no uso ou na ameaça da força física para subjugar ou conquistar um oponente, e o último, o poder simbólico, está vinculado à produção, transmissão e recepção das formas simbólicas que fundamentam a vida social das pessoas.

⁹ Distinction: A Social Critical of the Judgement of Taste. trad. Richard Nice (Cambridge: Harvard University Press, 1984)

Partindo deste pensamento, observemos que os quatro tipos de poder elencados pelo autor estão atrelados aos ricos e fazendeiros republicanos já apresentados no primeiro capítulo. Estes possuíam o poder econômico, pois eram donos das terras e das produções agrárias; o poder político, principalmente após a fundação do Partido Republicano por meio do qual chegaram até mesmo a eleger presidentes da República; o poder coercitivo, com as práticas abusivas de violência contra escravos e colonos; e o poder simbólico, sobretudo com a fundação de um jornal para expressar suas ideias e convicções. Destes, o que nos interessa é o poder simbólico aplicado por meio do jornal.

Passemos então ao distanciamento espaço-temporal propiciado pelo uso dos meios técnicos para comunicação, Thompson (1998, p. 49) nos diz que “O uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas maneiras de usar o tempo e o espaço para os próprios fins”. Ou seja, a utilização de um meio técnico como o jornal para difundir as ideias e ideais do grupo nos dá ainda maior controle sobre aqueles em posição menos favorecida no campo de interação. Sob a perspectiva do presente objeto de análise, consideremos que os indivíduos que não tiveram a oportunidade de se relacionar com os italianos recém chegados, e o mais provável é que não tenham mesmo, porque possuíam posições diferentes no campo de interação, receberam as impressões e intenções sobre os italianos que os detentores de determinado meio de comunicação, no caso o jornal, transmitiram.

Ainda sobre esta linha de pensamento, Thompson (1998, p. 67) diz: “os produtos da mídia são recebidos por indivíduos que estão sempre situados em específicos contextos sócio-históricos. Estes contextos se caracterizam por relações de poder relativamente estáveis e por um acesso diferenciado aos diversos recursos acumulados”. No caso dos italianos e dos negros, eram poucos os que recebiam as informações publicadas sobre eles nos jornais, pois muitos eram analfabetos, não dominavam a língua ou não tinham acesso ao jornal, pois este era pago e circulava em um grupo que não o deles e, com isso, não conseguiam rebater ou desmentir o que ali se apresentava. Como já explanado no segundo capítulo, negros e italianos criaram meios de circulação de informações próprios, porém não obtiveram o mesmo alcance de jornais como *O Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*.

Examinemos a seguir como estes indivíduos que constituíam a força de trabalho eram vistos e retratados pela óptica do empregador.

3.2 O QUE SERVE SOB A ÓPTICA DO QUE É SERVIDO

No primeiro capítulo foi abordada a sucessão da mão de obra em São Paulo. Índios, negros e italianos sob as mesmas condições de trabalho servindo, praticamente, o mesmo grupo de indivíduos. Algumas diferenças terminológicas, porém, podem dar a entender que a posição ocupada por estas populações fossem distintas. Por conta disso, discorreremos sobre as semelhanças e particularidades no emprego destes termos.

3.2.1 Negros e pretos

Sobre a atribuição do termo negro, Monteiro (1994, p.31) nos traz que já no século XVI existem relatos históricos em que os povos originários eram comumente chamados de negros pelos portugueses. Como exemplo, temos o relato de Antonio Pires, de Pernambuco, que diz “um principal de outra aldeia, que vinha carregado, com sete ou oito negros, de milho” ou ainda o relato de padre Manoel da Nóbrega: “Nesta terra há um grande pecado, que é terem os homens quase todos suas negras por mancebas, e outras livres que pedem aos negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres” (Monteiro, 1994, p.34) .

Quando os africanos começam a chegar ao Brasil, e os portugueses e seus descendentes vêm a necessidade de diferenciar a população indígena da população africana, surgem novos termos como “gentio da Guiné”, “peças de Angola” e “tapanhunos”, um termo tupi para escravo negro (MONTEIRO, 1994. p. 220). Surgem também os termos “gentio da terra” e “negros da terra” para designar os índios. Aliás, o próprio termo “índio” foi redefinido ao longo do século XVI, “na documentação da época o termo referia-se tão somente aos integrantes dos aldeamentos da região, reservando-se para a vasta maioria da população indígena a sugestiva denominação de “negros da terra” ” (MONTEIRO, 1994, p.155)

Mais a frente, no século XIX, o termo “negro” passa a ser utilizado de maneira negativa e pejorativa. Nos jornais, quando uma matéria se referia a um escravo ou liberto de forma depreciativa este era chamado de “negro”. Numa situação comum, que não envolvia violência, fuga, desconfiança, o termo “preto” é que era utilizado. Por vezes, usava-se no mesmo texto os dois termos mostrando claramente a diferenciação em seu uso (SCHWARCZ, 1987, p.195) :

Assalto

Há dias deu-se na estrada o seguinte fato: tendo ido catar cipó a mando de seu senhor um **preto** de uma fazenda foi apanhado por diversos **negros** fugitivos que despediram-no e deram-lhe uma valente sova. O preto teve de esperar a noite para voltar à fazenda. (Correio Paulistano, 12 de outubro de 1887)

SCHWARCZ (1987, p.196) diz que a partir daí o termo negro passa a ser empregado de forma negativa nas mais diversas situações, como “páginas negras”, “negros crimes”, “dramas negros” transformando-se aos poucos em consenso. Tanto que, ainda nos dias de hoje o adjetivo “negro” é utilizado de forma depreciativa, como “magia negra”, “peste negra” e usa-se o termo “branco” para atenuar algo, como “inveja branca, “carta branca”.

3.2.2 Administrados, escravos e colonos

O termo “escravo”, usado para designar os africanos que aqui chegaram para o trabalho forçado, foi desde sempre utilizado e aceito de forma consensual. Em relação aos índios foi diferente. Os portugueses, seus descendentes, os jesuítas e a Coroa discutiam e divergiam bastante sobre a liberdade dos índios. O resultado desta negociação foi a carta régia de 1696 que, “reconhecia formalmente os direitos dos colonos à administração particular dos mesmos, assim consolidando outra forma de serviço obrigatório que não a escravidão” (MONTEIRO, 1994 p.152).

De modo prático, as coisas continuavam como estavam. Porém, em documentos oficiais, evitava-se o uso dos termos “escravo” ou “cativo” dando preferência ao termo “administrados” em referência à carta régia de 1696.

Já o termo colono, que segundo o dicionário quer dizer “indivíduo (emigrante) que se estabelece em terra estrangeira ou em terreno inculto para desbravá-lo, povoá-lo, cultivá-lo ou explorá-lo”¹⁰, foi inicialmente utilizado para designar os portugueses e seus descendentes estabelecidos no Brasil, mas que não pertenciam à nobreza portuguesa. Posteriormente, o termo foi utilizado para definir os imigrantes europeus vindos para o trabalho na lavoura e, em alguns textos contidos no jornal, é nítida a semelhança ao trabalho escravo. Vejamos exemplo a seguir:

¹⁰ Dicionário Michaelis < <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/colono/>> Acessado em 26/12/2017/

Desde 1 de Janeiro não possuo mais um só escravo! Libertei todos e **ligei-os à um contrato igual ao que tinha com os colonos estrangeiros** e que terei com os que de novo ajustar. Bem vês que **meu escravismo é tolerante e suportável**.

Cheio de alegria participo-te que os meus novos colonos ainda não me deram o menor motivo de queixa: vivo alegre e feliz no meio deles, que redobraram para comigo as atenções e respeito.

Dei-lhes liberdade completa, incondicional, e no pequeno discurso que lhes fiz, ao distribuir as cartas, falei-lhes dos graves deveres que a liberdade lhes impunha e disse-lhes algumas palavras inspiradas pelo coração, muito diversas aliás daquelas que com antecedência havia preparado. No ponto de vista literário fiz um fiasco porque chorei.

Conclui dando-lhes uma semana para procurarem o cômodo que melhor lhes parecesse e declarando-lhes ao mesmo tempo que minha casa continuaria sempre aberta para os que quisessem trabalhar e proceder bem.

Muita gente que vivia de quatro pés de feijão e de uma quarta de milho entra hoje no serviço do cafezal e do terreiro com satisfação, e **os que tenho recebido acomodam-se perfeitamente nas antigas senzalas dos escravos**. As minhas são, na verdade, boas, mas foram feitas em forma de quadrado repugnante até aqui.

Continua a mesma forma, posto que sem fechadura, e eles hoje até acham preferível o quadrado porque nele recolhem os seus mantimentos sem receio do dano dos animais. Meu quadrado é um grande pátio, cercado de casas brancas e limpas, cujas portas pretendo agora abrir para o lado de fora.

É também preciso que seus patrícios saibam que o trabalho livre não é tão caro, como a princípio parece. Este ponto foi a minha maior surpresa na transformação por que passamos.

Como te disse, **tenho com os meus ex-escravos o mesmo contrato que tinha com os colonos**.

Nada lhes dou, tudo lhes vendo, inclusive um vintém de couve ou leite! Compreendes que só faço isto para moralizar o trabalho e para que eles **compreendam que só podem contar consigo**, e jamais por ganância.

(A Província de São Paulo, 8 de abril de 1888)

Como visto, a substituição da força de trabalho de uma população por outra não implica grandes mudanças no trato para com estas pessoas. O que mudam são os termos utilizados e suas variações de uso. Para compreender como estes termos conferem valor à determinada população passemos ao estudo do imaginário.

3.3 IMAGEM E IMAGINÁRIO

A fim de evitar possíveis equívocos, já que são muitos os autores que pensam e discutem a imagem e o imaginário e que, justamente por serem muitos, divergem significativamente sobre o assunto, faremos uma breve explanação sobre estes conceitos apresentando-os sob o ponto de vista de Edgar Morin e Malena Segura Contrera.

A partir de Contrera (2017 p. 21) entendemos a concepção de imagem não apenas como a inscrição de uma cena ou de um objeto em um suporte físico (como uma fotografia) mas enquanto uma ação mental que, em grande parte dos casos, nunca irá se materializar na frente de nossos olhos. Estas imagens são, portanto, percepções e criações internas e, sob este ponto de vista, perdem seu caráter meramente visual podendo ser também tátteis, olfativas ou, para além da esfera dos sentidos, amedrontadoras, reconfortantes e tudo o mais que nos cause sensação ou sentimento.

O conjunto destas imagens de caráter mental é o que tomaremos por imaginário. Edgar Morin o concebe como Noosfera, e sobre esta nos diz que:

As representações, os símbolos, mitos¹¹, ideias, são englobados simultaneamente pelas noções de cultura e de Noosfera. Sob o ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Sob o ponto de vista da Noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de uma certa existência. Saída das próprias interrogações que tecem a cultura de uma sociedade, a Noosfera emerge como uma realidade objetiva, disposta de uma relativa autonomia e povoada de entidades a que vamos chamar de ‘seres do espírito’. (MORIN, 1992, p.101)

Por conta desta relação entre cultura e Noosfera chamamos o conjunto de imagens mentais permeadas pela presença dos símbolos, mitos e ideias, de imaginário cultural. Este imaginário cultural retroage sobre o mundo concreto, e vice versa, causando assim, por meio da recursividade¹², uma interferência mútua.

As sociedades domesticam os indivíduos através dos mitos e das ideias que, por sua vez, domesticam as sociedades, mas os indivíduos podem, reciprocamente, domesticar as suas ideias e seus mitos. No jogo complexo (complementar, antagônico e incerto) de subjugação, exploração, parasitismo mútuos entre as três instâncias (indivíduo-sociedade-noosfera), há a possibilidade, maior ou menos, de uma procura simbiótica e emancipadora. Enfim, a trindade psicossocioesférica está imersa e englobada na Natureza (biosfera) e no cosmos. Não é apenas o indivíduo e a sociedade que realizam transações com o mundo; a própria noosfera está aberta ao mundo e ao diálogo com ele (MORIN, 2011, p.153)

¹¹ Entende-se por mito aquilo que tem caráter simbólico, extraordinário, e não como algo falso ou sem fundamento. Para aprofundamento no assunto, ler os estudos de mitologia comparada de Campbell (1997) e Eliade (2013).

¹² Ao propor um método baseado no pensamento complexo e na interdisciplinaridade, Edgar Morin discorre sobre três princípios de inteligibilidade: dialógico, hologramático e recursivo. Sobre este último diz: “A ideia recursiva é, pois, uma ideia em ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, já que tudo o que é produzido volta-se sobre o que produz num ciclo ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor”. (MORIN, 2005, p.74)

Contrera (2017, p.24) nos traz ainda o conceito de imaginário midiático, chamado pela autora de *Mediosfera*: “É preciso reconhecer nessa Noosfera gerada/geradora da sociedade industrial, os seres do espírito que geraram, no seio dessa sociedade, a cultura mediática, e que hoje, no que podemos chamar de sociedade pós-industrial, continuam a gerá-la e a nos gerar por meio dela”. Ainda segundo a autora, é preciso entender que o imaginário midiático advém do imaginário cultural e tira dele seu poder central.

Para Contrera (2017, p.57) este fenômeno tem início no século XX com os meios de comunicação de massa.

Se até meados do século XX os meios de comunicação reeditavam com poucas intervenções os conteúdos do imaginário cultural que são ancestrais (milenares) e arquetípicos, (...) a partir da ação dos meios de comunicação de massa eles começam a criar uma versão própria desse imaginário e a propagá-la de tal modo que podemos conferir a esse processo um *status* de crescente autonomia em relação ao imaginário cultural. Essa nova versão é inicialmente gerada pelos processos de seleção, edição, composição e recontextualização desses conteúdos (...) conforme visto, podemos considerar que os seres da Noosfera, de natureza arquetípica, sofrem um tratamento de tal modo estereotipador nas produções mediáticas que a redução simbólica realizada gera um universo próprio que gradativamente se fasta de suas raízes originais de referência(...) (CONTRERA, 2017, p.63)

Apesar do *corpus* analisado nesta dissertação ser anterior aos meios de comunicação de massa, entende-se que, no caso estudado, já ocorria a estereotipação das populações abordadas ao lhes atribuir atributos difamatórios.

Antes de adentrar ao imaginário midiático do italiano iremos contextualizar algumas imagens pré-existentes e fundamentais para tal entendimento.

3.4 A IMAGEM DO BANDEIRANTE

Como visto no primeiro capítulo, os republicanos fizeram grande esforço para colocar São Paulo em destaque no cenário político nacional. Parte deste esforço foi “criar” um passado glorioso, que fosse condizente ao crescimento econômico do momento e que ainda apontasse ao brilhante futuro que estava por vir. Foi assim que elegeram a figura do bandeirante como símbolo¹³ de bravura, ousadia e

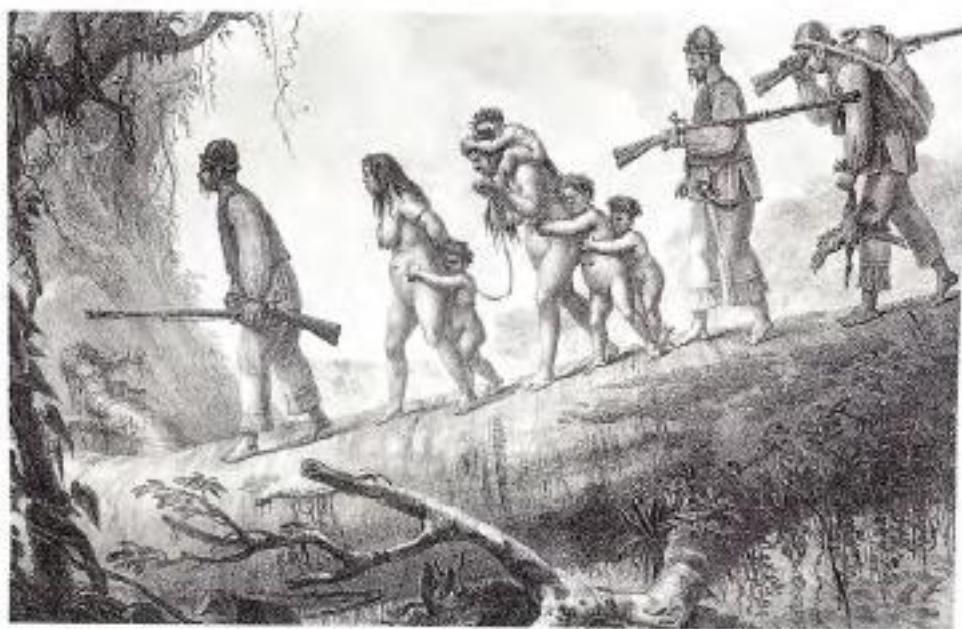
¹³ Entende-se por símbolo a forma de expressão do inconsciente estando este totalmente vinculado ao imaginário e a imaginação e não meramente reduzido à signo. Oaprofundamento do conceito de “símbolo” sobre esta óptica encontra-se em JUNG (1992) e CHEVALIER & GHERBRANDT (2015).

coragem. Mas como aqueles mamelucos pobres, que adentravam as matas a fim de capturar índios violentamente, em troca de recompensas, tornaram-se heróis?

A fim de resgatar e enaltecer o passado paulista, em 1895, foi fundado o Museu Paulista como marco representativo da independência do Brasil e com grande incentivo por parte dos republicanos. O acervo inicial foi doado por um deles, coronel Joaquim Sertório, que já possuía muitas peças dos séculos XVI e XVII, época das bandeiras, e muitas outras foram encomendadas, como as pinturas que retratavam os bandeirantes.

Tais pinturas tiveram papel essencial para construção da imagem do bandeirante paulista. Se antes eram retratados com postura cansada, em trajes maltrapilhos e com semblante mais próximo dos indígenas, como na obra de Debret:

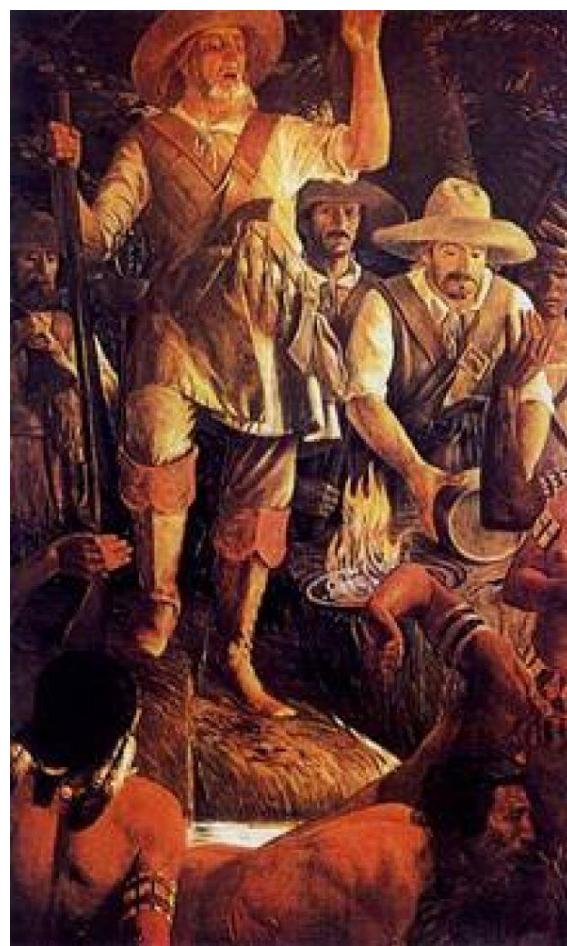
Figura 10 - Índios soldados escoltando selvagens



Fonte: Litogravura de J.B Debret em *Voyage Pittoresque au Brésil*, início do século XIX. Acervo de Estudos Brasileiros/USP. Disponível em:
<https://i.pinimg.com/564x/49/a6/e5/49a6e5ba80d3bbda9c0127e155c5dc97.jpg>. Acessado em:
 16/12/2017.

Passaram a ser retratados como o homem branco viril, bem vestido e em poses majestosas, ou seja, como heróis.

Figura 11 - Bandeirante Bartolomeu Bueno da Veiga



fonte: <http://www.sohistoria.com.br/biografias/bartolomeu/>. Acessado em: 15/01/2018

Figura 12 - O mestre de campo Domingos Jorge Velho e seu lugar-tenente Antônio Fernandes de Abreu



Fonte: óleo sobre tela, 1903, com 100 x 140 cm, acervo do Museu Paulista da USP. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/9083>. Acessado em: 06/01/2018

As glórias dos bandeirantes também eram expressas em textos e discursos. Em publicação de 9 de janeiro de 1899, o jornal *O Estado de S. Paulo* transcreve a cerimônia de posse do prefeito Antônio Prado. Em trecho de um dos discursos lê-se:

Amemos, senhores, com extremado carinho esta linda cidade que atesta o gênio destemido da **nossa raça**. E quando, um dia, a memória dos paulistas fizer emergir das trevas profundas de um passado de três séculos a suave e doce figura do jesuíta José de Anchieta, galgando estes campos de Piratininga, cobertos de rosas e lírios e aportando nesta encosta sobranceira ao Tamanduateí, onde cravou, ao clarão glorioso do sol, essa cruz divina que espargiu sobre a cidade nascente a benção infinita dos seus braços protetores, essa evocação do santo apóstolo, fundador da cidade de São Paulo, há de recordar também o nome do seu renovador, numa salva comovida de aclamações... E se o seu destino lhe não permitir prestar outros grandes serviços ao seu país, a sua glória estará consumada: ele reviveu a **epopéia bandeirante**, ele **ressuscitou a alma arrojada e aventureira dos paulistas de outrora**... Ele próprio foi um **ousado bandeirante**, desfraldando no ar uma flâmula de esperanças, na esplêndida conquista da civilização da sua terra! (...)

(O Estado de S. Paulo, 9 de janeiro de 1899)

O que se vê é a figura do bandeirante enquanto embaixador do progresso, que combate a “falta de civismo” e “falta de cultura” dos índios. Assim, coloca-se o bandeirante como o salvador que dará redenção à uma “raça inferior”.

Só os missionários é que resgatavam almas, e educavam na fé que professavam seres sem nenhuma cultura. **Os bandeirantes resgatavam corpos, salvavam** aqueles que pretendiam ser prisioneiros de tribos inimigas e estar destinados aos festins canibaiscos. A sociologia nos ensina, com efeito, que **a servidão é um progresso** sobre o sacrifício humano (SOUZA apud LIMA, 2000, p. 87-88).

Tal discurso é o mesmo que se vê, anos depois, dos senhores para com os escravos africanos. A seguir, discute-se a ideia do progresso associada a Europa e seu modo de vida.

3.5 A IMAGEM DO BANDEIRANTE

A ideia de progresso atrelada à lógica de acumulação de capital é abordada por Nicolau Sevcenko no livro “Astúcias da ordem, ilusões de Progresso”. Nele o autor nos traz como o neocolonialismo da segunda metade do século XIX, além de ampliar a escala de demandas e exportações, reestabelece vínculos de dependência entre países europeus e antigas colônias.

O resultado dessa nova expansão europeia foi um avanço acelerado sobre as sociedades tradicionais, de economia agrícola, que se viram dragadas rapidamente pelos ritmos mais dinâmicos da industrialização europeia, norte-americana e, em breve, japonesa. Não bastava, entretanto, às potências incorporar essas novas áreas as suas possessões territoriais; era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão da economia de base científico-tecnológica. Foram essas tentativas de mudar as sociedades, suas culturas e costumes seculares, que desestabilizaram suas estruturas arcaicas, desencadeando uma série de revoltas, levantes e guerras regionais contra o invasor europeu e seus aliados locais, entre a metade do século XIX e o início do século XX. (SEVCENKO, 2006, p. 12-13).

Nos textos jornalísticos levantados encontram-se diversos exemplos de ode à civilização e ao progresso e combate ao rituais e costumes de negros e índios. Neles os negros eram considerados selvagens, atrasados, enquanto o italiano, particularmente no início do fluxo migratório, era posto como civilizado, graças a sua origem européia, e portanto, necessário ao progresso do Brasil.

O discurso de branqueamento da população, proferido pelo jornal A Província de São Paulo e também pelo Correio Paulistano, visava difundir a imigração como positiva e necessária a fim de convencer a população sobre a necessidade de substituir a atual mão de obra.

O auge da campanha pelo branqueamento do Brasil surge exatamente no momento em que o trabalho escravo (negro) é descartado e substituído pelo assalariado. Aí coloca-se o dilema do passado com o futuro, do atraso com o progresso e do negro com o branco como trabalhadores. O primeiro representaria a animalidade, o atraso, o passado, enquanto o branco (europeu) era o símbolo do trabalho ordenado, pacífico e progressista. Desta forma, para se modernizar e desenvolver o Brasil só havia um caminho: colocar no lugar do negro o trabalhador imigrante, descartar o país dessa carga passiva, exótica, fetichista e perigosa por uma população cristã, europeia e morigerada. (MOURA, 1988, p. 79)

Com isso, textos e pesquisas sobre “as raças” preenchiam as seções científicas e os editoriais dos jornais colocando o negro como inferior e imoral e a África como sinônimo de atraso, e o italiano europeu como salvação para o futuro biológico e cultural do país. Vejamos alguns exemplos:

Pesam mais os cérebros dos alemães, seguem-se ingleses, suicos, italianos, suecos. O cérebro francês entra apenas atrás de muitos outros povos como lapões, chineses, japoneses, etc.

(Província de São Paulo, 28 de janeiro de 1878)

Dos crimes por herança e por alcoolismo

(...) É hoje supérfluo estabelecer que os criminosos tem escrito no seu cérebro e no seu organismo os vícios hereditários ou adquiridos, as paixões bestiais ou a degeneração de que estão feridos (...). Os motivos são hereditários mas também a dipsomania, a paixão das bebidas alcoólicas... (oferecem vários exemplos que ligam dipsomania ao uso do álcool e concluem)... O alcoolismo é pois a grande chaga dos povos civilizados.

(Província de São Paulo, 29 de novembro de 1883)

Mais uma lamentável consequência da escravidão

(...) Chegando ali foi agredido pelos mesmos que se atiraram enfurecidos **como feras** (...) Outros escravos demoveram os companheiros de arrombar a porta e **cometer atrocidades segundo seus instintos enfurecidos e ferozes**.

(Província de São Paulo, 18 de setembro de 1877)

Menino de rabo

Um menino recolhido atualmente em uma casa de caridade apresentava um fenômeno significativo. O menino Francisco Bicodo com 10 a 12 anos de idade, caboclo, **mulato** e aparentemente regular em suas funções tem anomalias. Diga-se a causa pelo seu nome, o menino tem no final do espinhaço um rabo de mais ou menos 7cm como se fora um cão. **Como não se fora um macaco** a enrolar-se e tende a crescer.

Agora os Darwinistas devem bater palmas de contentes e exultar de prazer vendo no rabo do menino um ponto de apoio a sua doutrina científica.

(Correio Paulistano, 2 de setembro de 1890)

Escândalo

Existe nesta cidade quase moribundo Ignácio Bicudo de Godoy que, por espaço de 30 anos mais ou menos ofereceu o triste espetáculo de sua ruína... **Em que país estamos? Na Costa da África?**

(Província de São Paulo)

O Rei Dahomery

Como a majestade negra em guerra com a imperatriz das Índias, vamos descrever o rei Greie, que é **mais ou menos o tal preto em carne e osso**. É um belo homem de elevada estatura e feições regulares, **cor mais clara que a de um negro ordinário, aparência menos brutal que seus actos**. É digno e cortez principalmente com os brancos **mas debaixo dessa máscara, esconde uma crueldade tigrina, uma sede de sangue, uma linhagem monstruosa...**"

(Província de São Paulo, 24 de outubro de 1876)

O combate aos cultos e rituais africanos e indígenas e o esforço em desacreditá-los e até mesmo ridicularizá-los também era recorrente:

Secção Científica

Do exercício da medicina e o novo regulamento da junta de higiene
...Contra os curandeiros

Para que os regulamentos possam ser postos em execução sem injustiça a probidade científica exige que previamente se prove que **os curandeiros erram sempre** e que os médicos diplomados sempre acertam (...).

Dos tempos imemoráveis o povo, os curandeiros, os **charlatões** sustentavam a contagiosidade da fisica. Nesse momento todas as classes de nossa sociedade protestam com a mesma cívica aspiração: a **eliminação geral dessa chaga social**.

(...) Os indígenas já foram substituídos pelos europeus, estes são os representantes da civilização...

(Província de São Paulo, junho de 1878)

Andou por aqui um sujeito preto ainda moço(...) Será doutor? A esta pergunta respondiam uns que sim e outros que não. É doutor efetivamente mas formado por aclamação dos similunios pascacios. **Doutor de lesma e caramujo dos parvos**. Chama-se Luiz de tal e tem fama de excelente feiticeiro. Foi pena que as autoridades não tivessem conhecimento da presença da personalidade entre nós para o mandarem **ensinar fazer mandinga aos presos da cadeia**.

(Província de São Paulo, 16 de setembro de 1884)

Além disso, nas notícias, o negro aparece como se fosse incapaz de cuidar de si mesmo, atentando contra a própria vida.

Anteontem foi lançado a um poço o negreiro José de 2 anos por sua mãe, a escrava de nosso amigo sr. Emilio Noavaes, que num acto contínuo enforcou-se. Ignora-se se o suicídio teve por causa o desespero do facto consumado, o que é certo é que esse crime veio por em sobressalto o nosso amigo e sua estimável família, pois que não houve motivo algum plausível que provocasse semelhante ato.

(Província de São Paulo, julho de 1879)

Lamentável

Uma preta matou inconscientemente o filho por lhe ter dado mais comida e como o visse aflito ministrou-lhe o suadouro...

(Província de São Paulo, 17 de novembro de 1888)

Em contrapartida os italianos são retratados com entusiasmo. Mesmo que alguns textos deixem transparecer o preconceito e a ideia de superioridade por parte de quem escreve, fica explícita a intenção de exaltá-los para o trabalho e para a formação do país:

Imigrante - Proprietário

A missão importantíssima, complexa e múltipla da sociedade Central de Imigração pode, no entanto, resumir-se assim.

Dar ao Brasil a melhor população possível;

Colocar essa população nas melhores **condições de progresso e felicidade.**

A melhor população – está plenamente demonstrado – só nos pode ser fornecida pelos países mais avançados da Europa por emigrantes espontâneos, dirigindo-se ao Brasil na persuasão de aqui encontrarem elementos para melhorar a sua sorte.

(Província de São Paulo, 25 de dezembro de 1888)

Cumpre não confundir o problema da imigração com o da substituição dos braços necessários à grande lavoura. Esta quer salaridos, e chega a preferir até os de **raça inferior**. O escopo da imigração porém é de ordem muito mais elevada; busca **organizar os elementos que devem formar a grande nacionalidade brasileira**, senhora da maior e melhor parte do continente sulamericano. Exige, por isso mesmo, a maior seleção nestes elementos.

Ora, para que o **imigrante ativo, laborioso, inteligente, progressivo** venha para o Brasil é preciso que este país lhe ofereça condições de bem estar para si e para sua família, impossíveis encontrar na Europa.

(A Província de São Paulo, 28 de janeiro de 1889)

Os povos incultos são vadios, por que não conhecem família.

O imigrante que aporta às nossas plagas é de ordinário um pai de família. **Por mais tosco que seja ele**, é sempre **filho da civilização**, o produto de uma elaboração secular, **um homem imensamente afastado do ponto de partida inicial da vadiagem**. É o amor à família que o determina a romper todos os laços das suas outras afeições, a abandonar os seus penates, o torrão que o viu nascer.

(O Estado de São Paulo, 16 de março de 1876)

Ao lado dos verdes cafezais que ostentam a sua bela cor de esmeralda, entretecida de pingues fios de coral, assentam-se, como que por encanto, renques de casas feitas de tijolos, branquejando numa alvura sadia, a espreguiçar-se na relva, com o seu penacho de fumo ondeando nos ares.

Ali, onde reside a felicidade, porque é **feliz todo o homem que trabalha**, habitam os colonos italianos, recém-vindos, **os progenitores de futuros cidadãos brasileiros**, que anunciarão **nova era a esta pátria deprimida, nova aurora de regeneração radical** desta geração que passa, enxovalhada pelos últimos bafejos da escravidão.

(A Província de São Paulo, 28 de agosto de 1888)

O Futuro das raças na América do Sul

Quatro questões podem ser apresentadas em relação ao futuro das raças na América do Sul:

1. Qual das raças está aumentando?
2. É provável que continue o cruzamento das raças?
3. Qual o tipo que predomina nas pessoas de raça cruzada?
4. Qual será o resultado final do cruzamento?

1. Não existem dados oficiais, em relação às repúblicas do norte e dos Andes, que ofereçam uma resposta a esta questão; mas o viajante recebe a impressão de que **os índios são mais prolíficos do que os brancos**, posto que **sua negligência, no que concerne à observância dos preceitos da higiene**, muito contribua para se verificar entre eles um elevado coeficiente na mortalidade, especialmente entre as crianças. É raro ver-se um índio velho. Se eles ou os mestiços estão aumentando, só o podem estar em proporção muito lenta.
2. Tudo indica que **o processo de cruzamento de raças continuará**. É a regra geral em toda a parte do mundo, exceto onde a religião ou um forte antagonismo de raças, como existe nos Estados Unidos, impede essa continuação. Nenhum desses obstáculos existe na América do Sul. (...)
3. **O elemento branco parece predominar habitualmente entre os mestiços**. Não o estabeleço como um facto fisiológico. Pode ser; ninguém parece ter investigado o assunto. Como facto social, porém, é verdadeiro, isto é, **o mestiço considera-se como branco, deseja ser um branco, faz o possível para pensar e viver como um branco** e é praticamente reconhecido por quase todos como um branco. Isto não se dá no Brasil, onde ele desde que esteja habilitado pela sua fortuna e **educação** a assumir uma posição social, **pensa e age como um homem branco** e como tal por todos é tratado.
4. Os fatos acima apontados levam a presumir que as nacionalidades que emergirem quando o processo de fusão estiver completo, talvez numa época muito remota, **serão compostas de brancos e não de índios ou negros**. O sangue é unicamente um fator e não o mais importante na formação de caracteres humanos. O meio e a influência do tipo intelectual reinante pesam muito mais na balança. Nos Estados Unidos, **o filho do imigrante polaco ou do russo, ou do italiano** cresce como um americano. Ele pode ser um norte americano **mais emocional e impulsivo, mais violento ou mais criminoso**, mas o selo do novo país nele está impresso. (...) Tendo uma mescla, se bem que pequena, de **sangue de uma raça superior**, ele se tornará um tipo daquela espécie colonial. (...) Essas nações mestiças, contudo, estarão mais próximas, intelectualmente e socialmente, do grupo de nacionalidade do sul da Europa do que de qualquer outro povo branco.
5. Pode parecer natural presumir-se que tais **nações mestiças**, em relação ao seu sangue aborigene, **serão inferiores aos seus parentes europeus**. Mas isto é mera presunção. Ninguém, até agora, investigou cientificamente o resultado da **fusão de raças**. (...) tem havido também circunstâncias concomitantes exercendo influencia sobre os povos, que são o produto dessa mistura, tornando assim difícil determinar se a sua **deterioração ou melhoramento** é devido a esta causa ou a qualquer outra.

(Província de São Paulo, 19 de novembro de 1888)

A Exposição e os italianos

A colônia italiana, que hoje é tão numerosa nesta província, tem necessidade de dar provas de suas aptidões do seu patriotismo e ao mesmo tempo da gratidão para com o país, à sombra de cujas leis vive feliz, para que de uma vez, **desapareçam os preconceitos e a desconfiança que nutrem ainda alguns nacionais contra os italianos em geral**.

E preciso uma reparação dessa grave injustiça e que saiba julgar os estrangeiros pelo seu **gênio laborioso**, assim como pelas **qualidades morais que possuem**. Porém, para conhecimento exato de um povo e de sua índole, é indispensável que não se observe isoladamente alguns indivíduos que procuram a América, alguma vezes **fugidos** a penas de **grandes crimes que praticaram em seu país**.

E portanto, necessária a convivência com grande número de indivíduos que imigraram espontaneamente, como acontece, presentemente com os

italianos que chegam aqui preferindo o nosso clima e a uberdade de nossas terras a outros países talvez mais favorecidos pelos governos.
 (Província de São Paulo, 13 de setembro de 1898)

O discurso sobre o italiano muda, porém quando este não é retratado como mão de obra. O entusiasmo dá lugar à discriminação quando os italianos não se submetem ao lugar para eles determinado pela elite local:

Um crítico austérrissimo (...) escreve desabusada e elegantemente: Sem população, sem indústria, nem mesmo a agrícola com que nos orgulhamos tanto, sem coesão política, sem organização administrativa estável, sem intercâmbio de espécie alguma estadual, salvo em escala mínima, temos evidentemente necessidade imperiosa e urgente de cortar o país de vias aperfeiçoadas de comunicação, para dar-lhe vigor suficiente, afim de que **o estrangeiro venha para cá como imigrante e não como conquistador.**

(Província de São Paulo, 14 de março de 1898)

É pequena, como vemos, a proporção de casamentos entre indivíduos de nacionalidade diversa. **A regra pois, é que o brasileiro case com brasileira, o estrangeiro com estrangeira.** A conclusão ressalta evidente: o número de nascimentos entre pais estrangeiros continuará, em grande parte do Estado, a ser maior que o número de nascimentos entre pais brasileiros.

Que temos feito para ligar estreitamente à pátria, pelos sentimentos, esta nova geração? É fácil provar que, absorvidos por mesquinhos interesses, esquecidos do futuro de nossa nacionalidade, até a instrução lhe temos negado. Votamos uma lei para coagir o professor estrangeiro a ensinar a nossa língua, que não sabe, a nossa geografia, que mal conhece, a nossa pátria, cujo amor não lhe dá bastante eloquência para falar ao coração da infância. Votada a lei, cruzamos os braços.

(O Estado de S. Paulo, 26 de novembro de 1899)

Seria preciso que o operário fosse só operário, e que o imigrante em geral, qualquer que fosse a sua categoria, deixasse de se envolver nas questões internas do país, perturbando o trabalho e fazendo com que nós, pelo interesse da própria defesa, esperdemos na ampliação dos recursos militares aquilo que devia ser empregado em vantagem de todos, estrangeiros e nacionais, melhorando as condições do meio físico e do meio social.

(O Estado de S. Paulo, 11 de fevereiro de 1898)

Estas posições simbólicas, explícitas nos textos acima, refletiam também na posição geográfica das populações menos abastadas. Como já dito no primeiro capítulo, negros e italianos estabeleceram-se na região ao redor do centro de São Paulo. A seguir, serão expostas as relações simbólicas entre o centro, a periferia e também a verticalidade presentes em São Paulo.

3.6 CENTRO E PERIFERIA

Para compreender a importância do centro para a cidade faremos um breve retorno ao início destas. Em torno do terceiro milênio antes da era cristã, nas planícies da Mesopotâmia, surgem os primeiros templos, os Zigurates, que funcionavam como ímãs reunindo as pessoas ao seu redor. Este novo modo de vida trouxe o desenvolvimento de tecnologias como o barro cozido dos tijolos, sistemas de drenagem e irrigação e também a necessidade de organização do trabalho e da convivência através de normas reguladoras, era o início das cidades. (ROLNIK, p.17, 1988)

À medida que a cidade crescia as pessoas distanciavam-se espacialmente do templo, do sagrado.

...o homem religioso desejava viver o mais perto possível do Centro do Mundo. Sabia que seu país se encontrava efetivamente no meio da Terra, sabia também que sua cidade constituía o umbigo do Universo e, sobretudo, que o Templo ou o Palácio eram verdadeiros Centros do Mundo; mas queria também que sua própria casa se situasse no Centro e que ela fosse uma *imago mundi*.

(ELIADE, p.27, 1992)

Desta forma, aqueles que ficavam distantes do centro, nas periferias, encontravam-se em território profano. Tal concepção do centro sagrado é mantida até hoje, embora a sacralidade não esteja mais no religioso e sim no capital. Por exemplo, a cidade de São Paulo por meio da acumulação de capital proveniente da cultura cafeeira, sofreu significativas mudanças em seu centro. As igrejas e ordens coloniais do Carmo, São Bento e São Francisco dividiram o espaço com equipamentos culturais, lojas elegantes, cafés e jardins públicos a fim de atender sua elite emergente. Enquanto isso, às margens do centro, vilas e cortiços superlotados se misturavam às chaminés das novas fábricas.

Em suma, podemos considerar que o estabelecimento do valor relativo ao lugar, compreendido a partir de sua condição de centralidade, num primeiro momento resulta da definição estritamente vinculada ao indivíduo ou ao grupo, o qual se torna capaz, a partir de sua própria fundação de mundo, de estabelecer a diferenciação entre nós e eles (quando tratamos do âmbito coletivo, falamos dos que fazem parte do grupo e dos que não fazem) e entre aqui e acolá (nossa lugar e o lugar dos outros), sendo esta condição de pertencimento (ou não) condicionada a um gradiente cuja origem remonta à posição do centro.

(SILVA e CONTRERA, 2013, p.107)

O jornal exprimia o desejo da elite de manter as populações mais pobres distantes do centro (e, portanto, dos ricos). A segregação pode ser notada em trechos como os seguintes, que tratam da construção da nova Hospedaria de imigrantes, no Brás e não no bairro da Luz, como havia sido cogitado:

Nas palavras do Presidente da Província não foi julgado próprio para um alojamento de imigrantes o bairro (da Luz) que mais se presta a ser aformoseado, e que vai merecendo a preferência da população abastada para aí construir prédios vastos e elegantes.

(A Província de São Paulo, 18 de junho de 1895)

O edifício da imigração, construído quando São Paulo era por assim dizer a metade do que é hoje, pelo próprio fim a que se destina, fez surgir em derredor a maior acumulação de habitações destinadas a pessoas de baixa classe.

(A Província de São Paulo, 19 de janeiro de 1898)

Outros trechos que também demonstram a relação do imigrante pobre com o centro e a periferia:

A opinião do dr. Elias Chaves é francamente pela mudança, não só atendendo ao facto de ficar o imigrante afastado das inúmeras seduções que lhes proporciona a permanência na capital do Estado, como também pelo aproveitamento a auferir dessa grande área de terreno, cuja aquisição se torna fácil e dentro do qual poderá ser estabelecido um grande páteo em condições a não permitir que dele saia o imigrante.

Desta forma, o contrato do imigrante com indivíduos estranhos à lavoura, vulgarmente conhecidos por atravessadores, tornar-se-á impossível, derivando dessa impossibilidade grandes benefícios para a lavoura. (A Província de São Paulo, 19 de janeiro de 1898)

A 20 do corrente chegou a esta cidade um italiano levando nos braços o cadáver de um filhinho, vítima da varíola.

O desventurado pai, ao chegar a ponte, além de contemplar a população do bairro, que fugia espavorida, teve de voltar ao caminho.

A polícia intimou-lhe que não entrasse na cidade; mas o italiano tentou resistir à intimação; à vista disso ordenou o delegado que dessem-lhe três tiros de pólvora seca, para assim intimidá-lo.

Vendo que nem assim o infeliz pai demovia-se do seu propósito, o delegado solicitou a intervenção do medico dr. Diaulas de Almeida, que, mediante conselhos, conseguiu fazer sepultar o cadáver em uma das matas, depois das necessárias precauções desinfetantes.

(A Província de São Paulo, 26 de julho de 1887)

Quase sempre são conduzidos para a cadeia alguns embriagados, sendo arrastados pelas ruas e lá chegam com as costas bem amolentadas pelos saberes dos tais heróis da polícia; o público ainda se recorda do que há poucos dias praticaram esse figurões conduzindo para a cadeia a Eugenio Brochini a poder de pancadaria de rifles, e isto por espaço de tempo, porque: Eugenio mora no subúrbio bem distante da cadeia; tudo isto é para manter a ordem! (...) há aqui civilização, os índios já estão entranhados pelo sertão para onde poderia o governo mandar esses valentes filhos de Marte para os catequizar com pancadaria de sabres!

(A Província de São Paulo, 16 de março de 1887)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traça-se aqui, nestas considerações finais, um olhar global sobre o trabalho apresentado avistando possíveis novas perspectivas sobre o assunto.

No primeiro capítulo resgatou-se, através da história, a transição das populações tidas como mão de obra na sociedade paulista até o final do século XIX. Foi abordada a consolidação das posições de poder e de servidão e também o histórico do jornal analisado a fim de explicitar as intenções envolvidas.

O capítulo 2 traz os resultados obtidos na pesquisa, tanto de cunho quantitativo quanto qualitativo. Os números obtidos sinalizam para a confirmação da hipótese deste trabalho: atributos simbólicos utilizados no discurso referente aos negros foram também vinculados aos italianos. Embora os textos levantados nos mostrem que, num primeiro momento, tenha sido feita campanha favorável à vinda dos italianos, trazendo estes como população civilizada, necessária para acompanhar e estimular o progresso do Brasil, quando estes não se submetiam à posição que já lhes tinham determinado, que era na lavoura trabalhando para os barões do café, eles passavam a ser retratados de forma negativa, assim como já ocorria com os negros.

Já no último capítulo, o trabalho buscou revelar como o imaginário midiático do italiano estava preso ao imaginário do herói bandeirante e do progresso. Estes foram construídos e vinculados ao grupo hegemônico de então e, como tal grupo era quem detinha um dos principais veículos de comunicação da época, aquilo ou aquele que contestasse seus interesses logo ocupava posição oposta à posição dos poderosos.

Com isso, constatamos que para além dos atributos simbólicos pejorativos que perpassaram dos negros para os italianos, estes já eram atribuídos aos índios sendo transmitidos aos negros. Além disso, há fortes indícios que os migrantes do nordeste do país tenham substituído a mão de obra italiana herdando também os atributos simbólicos pejorativos a eles atrelados. Tal constatação suscita novas pesquisas para novas análises que busquem colaborar na interrupção deste ciclo de substituição de trabalhadores em condições subalterna e, muitas das vezes, desumana.

Para compreensão deste fenômeno foi sugerida, em banca de qualificação desta pesquisa, a leitura do livro *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das*

relações de poder a partir de uma pequena comunidade, de Norbert Elias. De fato, a obra discorre de forma elucidativa sobre as relações de poder entre os indivíduos em posições diferentes, porém a história de São Paulo nos traz um dinamismo diferente do observado por Elias (2000). Assim que chegaram os primeiros portugueses e aqui encontraram os povos originários, quem eram os estabelecidos e quem eram os *outsiders*? Observa-se também que, parte dos italianos, *outsiders* naquele contexto do final do século XIX, mais tarde vieram a fazer parte do grupo de estabelecidos, tendo sua cultura se tornado sinônimo de orgulho para os paulistanos¹⁴.

Assim, acredita-se que a história de São Paulo esteja mais próxima do manifesto antropofágico¹⁵ proposto pelos modernistas em 1932 onde devora-se e reelabora-se as influências recebidas possibilitando desta forma a manifestação de novas imagens. Foram devorados índios, negros e italianos, porém estes mantêm-se presentes em cada paulistano.

“A cultura dispõe, como o patrimônio genético, de uma linguagem própria (mas muito mais diversificada), permitindo rememoração, comunicação, transmissão desse capital de indivíduo a indivíduo e de geração em geração” (MORIN, 2012b, p.165). Esta rememoração citada por Morin (2012b) é o que permite que as heranças culturais deixadas por estas populações sejam reinseridas de tempos em tempos em nosso cotidiano.

Em crônica de Ivan Angelo (2017), que consta a seguir, percebe-se como o “olio de Luca, a sardela e o salame” foram substituídos pelo “dendê, a buchada e o sarapatel”, mas as posições geográficas e sociais continuam pré-determinadas, apontando a permanência dos atributos simbólicos para além de negros e italianos.

Aquele Brás

Faz noventa anos que um livro de contos magro, com apenas onze histórias, retrato nítido de uma população estrangeira que crescia na cidade década após década, dona de uma sonoridade inconfundível nas falas

¹⁴ São Paulo hoje é conhecida pelas festas de rua de tradição italiana (como Achiropita, San Gennaro, São Vito), a qualidade de suas pizzas e o sotaque que remete à influência italiana.

¹⁵ “O Manifesto Antropofágico propunha basicamente ‘devorar’ a cultura e as técnicas importadas e provocar sua reelaboração com autonomia, transformando o produto importado em exportável. Buscava a importação de novidades europeias, com objetivo de movimentar o pensamento, depois, antropofagicamente, isto é, criticamente, devorar estas novidades e influências à medida que os modernistas redescobrem a realidade brasileira” – IMBROISI M., MARTINS S., LOPES M. em <[https://www.historiad dasartes.com/nobrasil/arte-no-século-20/modernismo/manifesto-antropofágico/.](https://www.historiad dasartes.com/nobrasil/arte-no-século-20/modernismo/manifesto-antropofágico/>.)

jogadas ao vento em tom elevado e de um comportamento francamente comunicativo, em contraste com o jeito macambúzio dos naturais da terra, gente que era vista por estes com preconceito — faz noventa anos, eu dizia, que tal livro fez sucesso e continua a ser um esplêndido retrato de época da vida urbana de São Paulo. Falo do livro de Antônio de Alcântara Machado Brás, Bexiga e Barra Funda, nomes de três dos bairros ocupados pelos “carcamanos”, como eram chamados pejorativamente na cidade os imigrantes italianos e seus descendentes: o Brás dos napolitanos, o Bexiga dos calabreses e a Barra Funda dos vênitos.

— Cala a boca, palestrino! — gritou o Beppino para o Gaetaninho, na Rua Oriente, antes de este correr para pegar a bola e ser atropelado pelo bonde. “Ali na Rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro”, diz o narrador do conto “Gaetaninho”, do livro de 1927. Noventa anos depois, é enorme, infernal, o burburinho de automóveis, de compradores e vendedores de confecções, que toma as transversais e paralelas da Oriente. Coreanos, chineses, árabes, armênios e gregos, que vieram depois dos italianos, já rareiam; a massa é de nordestinos, nos balcões, nas carrocinhas de picolé, nos isopores de água e refrigerantes, nas casas de comidas, no comércio ambulante. Os italianos, para onde foram? Não aguentaram a bagunça, mudaram-se para outros bairros, espalharam-se.

De portões abertos para a Oriente ainda resta um ou outro beco dos tempos de Gaetaninho. De um deles, ecoava todas as manhãs a voz de tia Filomena cantando “Ahi Mari, ahi Mari!”, que acordava Gaetaninho do sonho diário de andar de automóvel, na boleia. Das casas da região vêm hoje outros sons: “Tá de olho na marquinha da calcinha dela”.

Gaetaninho e seus patrícios de maioria napolitana viviam naquele Brás do Teatro Colombo, dos armazéns, das cantinas, do cinema Ideal, da Confeitaria Guarani, da Sociedade Príncipe Humberto, das fábricas, da capela antiga da Signora di Casaluce que o metrô derrubou...

Naquele Brás onde Nicolino Fior d’Amore apunhalou Grazia, a desgraçada, enquanto “as chaminés das fábricas apitavam na Rua Brigadeiro Machado”, segundo conta Alcântara Machado. Rua que um dia virou ponto de reunião de cantadores e repentistas do Nordeste, na Casa do Conterrâneo. Dali até a estação de trem não se achavam mais o ólio de Luca, a sardela, o salame, mas o dendê, a buchada e o sarapatel.

No mesmo Brás de Tranquillo Zampinetti, personagem barbeiro que Antônio de Alcântara Machado botou morando e trabalhando na Rua do Gasômetro, 224-B, e que não queria ser brasileiro, queria só juntar um bom dinheiro e voltar para a pátria. Recusava-se até a votar, “Perché sono italiano, mio caro signore”, mas depois que subiu na vida, já proprietário de muitos imóveis, dizia:

“— Do que a gente bisogna no Brasil, bisogna mesmo, é d'un buono governo, mais nada!”

Noventa anos depois, o Brasil continua precisando, caro signore Zampinetti, e muito.

O menino Gaetaninho, fã de futebol, torcedor do Palestra, craque no driblar a mãe e o chinelo, não conseguiu driblar o bonde, e o conto termina com ele fazendo sua primeira e última viagem de automóvel: “Não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima”. Mudou-se para o Araçá.

Para o futuro, pretende-se pesquisar esta possível vinculação dos atributos simbólicos aqui elencados para com a população nordestina, além de aprofundar os estudos das relações sociais entre os grupos e a atuação da mídia na construção do imaginário midiático dos nordestinos residentes em São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAITELLO JR. Norval. **A Era Da Iconofagia: ensaios de comunicação e cultura.** São Paulo: Hakers Editores, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa. Edições 70. 1977
- BORGES, Rosangela. **Axé, madona Achiropita: Presença da cultura afro-brasileira nas celebrações da igreja de Nossa Senhora Achiropita, em São Paulo.** São Paulo: Edições Pulsar. 2001
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Rio de Janeiro: José Olimpio, 2015.
- CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera – Meios, imaginário e desencantamento do mundo.** Porto Alegre: Editora Imaginalis. 2017
- _____. **Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia.** São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.
- _____. **O Mito na Mídia.** São Paulo: Annablume, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders.** São Paulo: Zahar. 2000.
- GONÇALVES, Thiago Rodrigues. **O lugar samba no Bixiga: memória e identidade.** Rio Claro: UNESP, 2014
- JUNG, C.G. **O Homem e Seus Símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LEROI-GOURHAN, André. **As Religiões da Pré-História.** Lisboa: Edições 70, 2007.
- MACHADO, Maria Helena P. T. **Sendo Cativo nas Ruas: a Escravidão Urbana na Cidade de São Paulo**, p.5. in: História da Cidade de São Paulo, (Paula Porta, org.), São Paulo: Paz e Terra, 2004
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da Terra – Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo: Companhia das Letras. 1994
- MORENO, Julio. **Memórias de Armandinho do Bixiga.** São Paulo: Editora SENAC. 1996
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina. 2005b.

- _____. **O Enigma do homem: para uma nova antropologia.** Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- _____. **O método IV – As Ideias: habitat, vida costumes, organização.** Trad. Juremir Machado daSilva. 5aed. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- _____. **Cultura de Massas no Século XX.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.
- PILAGALLO, Oscar. **História da Imprensa Paulista: Jornalismo e Poder de D. Pedro I a Dilma.** São Paulo: Editora Três Estrelas. 2012
- PRADO JR. Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Ed. Brasiliense. 1963
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Editora Companhia das Letras. 1995
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza (1890 – 1915).** São Paulo: Editora Annablume. 2003
- SEVCENKO, Nicolau. **Primeira página: 90 anos de história nas capas mais importantes da Folha.** São Paulo, Publifolha. 2011
- _____, Nicolau. **O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso IN: História da vida privada no Brasil – 3.** Org. Nicolau Sevcenko. São Paulo: Editora Schwarcz. 2006.
- SILVA, M. R. **Na Órbita do Imaginário: Comunicação, Imagem e os Espaços da Vida.** São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2012.
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis/RJ:Vozes, 2013.
- SILVA, M. CONTRERA, M. **O simbólico e o ciberespaço: O papel do imaginário na experiência cibernetica da cidade.** In: **Comunicação, narrativas e territorialidades.** Volume 16, p.98-112. Rio de Janeiro, UFRJ. 2013
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro.** São Paulo: Companhia das Letras. 1987.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia.** Petropólis: Editora Vozes. 1998.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão - Uma história de São Paulo das origens a 1900.** São Paulo: Editora Objetiva, 2003.

REFERÊNCIAS WEB-BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Acervo digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo.* Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br>. Acessado em: 12/01/2017

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. *Imprensa negra paulista.* Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra>. Acessado em: 16/08/2017

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. *Acervo do jornal O Estado de São Paulo.* Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acessado em: 05/09/2017.

JORNAL FANFULLA. *Jornal Fanfulla.* Disponível em: www.jornalfanfulla.com. Acessado em: 21/08/2017

AQUELE BRÁS. *Revista VEJA.* Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/ivan-angelo-cronica-aquele-bras/>. Acessado em: 12/01/2018

CARTA CAPITAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1842.htm>. Acessado em: 15/08/2017.

Affonso A. de Freitas. De: *Resvista do IHGSP. v. 16, 1911. Apendice p. 474-475. -- Assinala chácaras, casas, largos, construções de interesse histórico, cultural e arquitetônica.* Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/mapoteca/item/105697-plan-hist%C3%B3ria-da-cidade-de-s%C3%A3o-paulo-por-affonso-a-de-freitas.html>. Acessado em: 15/08/2017

A imigração italiana para o Brasil. *Itáia viagem.* Disponível em: <http://www.italiaviagem.com/blog/a-imigracao-italiana-para-o-brasil/>. Acessado em: 22/11/2017

Rede de memória virtual brasileira. Disponível em: goo.gl/ugjdsScontent_copy. Acessado em: 22/09/2017